

Nostro design!

Em roupas, carros e objetos,
a marca dos italianos

Osesp afinada

Orquestra vive boa fase e gira a Europa

Constancia Pagano

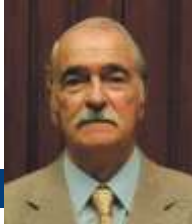
Meio século de contribuição à medicina nuclear

Fulvio Pennacchi
O artista italiano que se consagrou no Brasil



FEMININO | MASCULINO | INFANTIL
SÃO PAULO: OSCAR FREIRE, 1143
PORTO ALEGRE: SHOPPING IGUAATEMI
PATENTE INTERNACIONAL • WWW.GEOX.COM

GEOX
R E S P I R A



Dr. José de Oliveira Messina

Prezados leitores:

Saúde, Educação e Cultura, um trinômio que vem desafiando os tempos e continuará a desafiar os homens para que encontrem o caminho das virtudes que os conduzirá ao campo da paz social. Neste Colégio, onde tive a ventura de ingressar no ano de 1935, com sete anos de idade, encontrei, de pronto, o carinho dos professores primários e, ao mesmo tempo, a supervisão dos diretores exercida com acrisolado, apurado e ordenado espírito de pedagógica disciplina.

Cresci, juntamente com meus colegas, dando valor à saúde física e mental que nos permitiria perceber que o corpo são nos levaria à mente sã.

Com efeito, é a saúde do corpo sem vícios que propiciará ao ser humano o desenvolvimento de suas atividades educacionais e culturais, atingindo um quociente de inteligência que lhe permita integrar-se no mundo do conhecimento e desempenhar com proveito suas atividades sociais.

Por outro lado, a Educação deve ser conduzida dentro do propósito de evolução coletiva que parte da afirmação do ser em si mesmo. Ela, a Educação, tem por finalidade afastar o ser humano dos pseudovalores positivos que se mascaram deturpando a realidade, a qual exige posições éticas, morais e lógicas num conjunto filosófico que o fará superar os obstáculos, que não são poucos.

Finalmente, a Cultura, que é o resultado da ordenação dos conceitos que vamos colhendo diuturnamente no interior do universo que nos cerca. É a Cultura que debela o egoísmo, a vaidade, os preceitos vazios que residem na ilusão, que fere as raízes nobres do pensamento.

Hoje, sessenta e um anos decorridos da minha formatura no Dante Alighieri, exercendo o cargo de Presidente, sinto-me aquele menino de sete anos!

Alunos, pais, mestres, servidores, unamo-nos: o Centenário, que se divisa radiante, é criança no reinado do amor!

José de Oliveira Messina
Presidente em Exercício

A Revista DANTEcultural (ISSN 1980-637X)
é uma publicação do



Marco Formicola
Presidente

José de Oliveira Messina
Vice-presidente

Renato Bernardo Fontana
Diretor secretário

José Piovaccari
2º Diretor Secretário

Milena Montini Martins de
Siqueira
Diretora Financeira

Salvador Pastore Neto
2º Diretor Financeiro

Carlo Cirenza
Diretor Adjunto

Ítalo Américo Lorenzi
Diretor Adjunto

José Luiz Farina
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari
Diretor geral pedagógico

DANTEcultural

Fernando Homem de Montes
Editor-chefe e jornalista responsável
(MTb: 34.598)

Adriano De Luca
Editor

Colaboradores: Ana Luiza Daltro, Beatriz Scavazzini, Edoardo Coen, Fernanda Schimidt, Lia Coldibelli, Marcella Chartier, Maria Fernanda Batalha, Peri de Castro, Silvana Leporace, Silvia Percussi

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin

Diagramação e Arte: Simone Alves Machado
e Joyce Buitoni (assistente)

Ilustração: Augusto T. Novelli

Comercial: Vinicius Hijano

Cartas
Mande suas sugestões e críticas para:
dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 6 mil exemplares

Colégio Dante Alighieri
Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP
Fone: (011) 3179-4400
www.colegiodante.com.br

6 Notas

Genialidade de Leonardo da Vinci, visita a primeiro-ministro italiano e sucesso na Febrace

8 Entrevista

Constancia Pagano, a mulher que liderou durante 50 anos a produção de radiofármacos no Brasil

14 Capa

Pioneiros, arrojados e criativos: os italianos em uma das áreas em que mais se sentem à vontade, o design

20 Aplausos

A grande fase da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, que neste semestre realizou turnê pela Europa

26 Arte

Fulvio Pennacchi, o artista italiano que morou no Brasil e se dividiu entre o religioso e o popular

30 Literatura

Histórias expõem a complexidade do ser humano e revivem a miscelânea cultural que originou Trieste

34 Música

No rastro do pop, Laura Pausini atualiza repertório de grandes nomes e de novo conquista o topo

36 Cinema

Ainda em atividade, o diretor Franco Zeffirelli já deixou sua marca no cinema, no teatro e na televisão

38 Ensaio fotográfico

Em vinícola do interior de São Paulo, lentes flagram a colheita das uvas e a produção do vinho

42 Espaço aberto

“Temos que parar de enxergar a arte como um grito da alma ou como uma terapia”

44 Turismo

Estradas que atravessam a região da Toscana levam a cenários deslumbrantes e a mistérios do passado

50 Gastronomia

Cozinha toscana: Panzanella, Pappardelle sul coniglio e, para adoçar, Zuccotto con Frutti di Bosco

54 Artigo / Educação

Pais que preenchem o dia-a-dia dos filhos com inúmeras atividades podem estar pecando pelo excesso

55 Memória

Álbum aberto



8. 14



26. 38



44. 50





Gênio do Renascimento

Até o fim do mês de maio, o Parque do Ibirapuera recebe na Oca a exposição “Leonardo da Vinci - a exposição de um gênio”. Nascido em um povoado da Toscana, Da Vinci viveu entre os séculos XV e XVI. Como profissional, atuou nas mais diversas áreas - arte e da ciência: pintura, escultura, anatomia, arquitetura, engenharia entre outras. Mais que um homem habilidoso e versátil, ele foi um inventor, e muitas das máquinas e engenhocas que projetou anteciparam o que a humanidade viria a conhecer apenas em um futuro distante. Entre seus principais legados estão a metodologia científica empregada em suas pesquisas e os desenhos detalhados sobre anatomia. Quanto às telas, “Monalisa” e “A última ceia” falam por si só. Dividida em treze segmentos, como “Máquinas civis”, “O pai da aviação” e “Máquinas hidráulicas e aquáticas”, a mostra da Oca reúne 150 réplicas realizadas em cima dos estudos do gênio italiano.



Fotos: Divulgacao

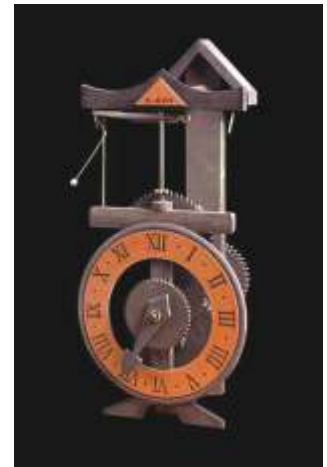


Foto: João Florencio

Alunos conhecem primeiro-ministro Romano Prodi, primeiro-ministro da Itália, esteve no Brasil no mês de março. Em visita a São Paulo, participou de um encontro com a comunidade ítalo-brasileira no Circolo Italiano, localizado no Edifício Itália. Nessa ocasião, um grupo com 25 alunos do Colégio Dante Alighieri prestigiou a visita de Prodi e agradeceu o primeiro-ministro com um brinde da escola.

Vitórias na Febrace

A 5ª edição da Feira Brasileira de Ciência e Engenharia, realizada em março deste ano, coroou o Colégio Dante Alighieri como um de seus melhores participantes. O evento, que

reúne escolas públicas e privadas de todo o país, expôs no campus da Universidade de São Paulo os projetos mais variados e inovadores, entre robôs, máquinas e veículos automatizados. Os alunos do Dante tiveram seis trabalhos indicados para a final. Um deles, “Microbiologia democrática”, conquistou o primeiro lugar na categoria “Grupo em Ciências Humanas”. Já o “X-TYLEY-SINK”, na categoria “Grupo em Ciências Sociais Aplicadas”, ficou em segundo lugar.



Foto: Arquivo

Aluno do Dante explica seu projeto durante exposição



Professoras e estudantes premiadas na Febrace 2007

CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO PEEKABOO

Unidade Jardins
Rua Manuel da Nóbrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828



JARDINS

Elevador Discovery
Discoteca Completa
Cama Elástica
Barco Viking
Super Parede de Alpinismo
Games (Jogos em Rede)
Trem Bala
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Palco c/ Camarim
Casinha do Macaco
Dardo Eletrônico
Carrossel
Air Boy
Máquina de Dança
área Zooopa
Painel Temático com sons de bichos
Super Tombo e muito mais...

ITAIM

Bolicho Eletrônico
Cama Elástica
Barco Viking
Parede de Alpinismo
Games / Air Boy
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Vitrine Animada
Carrossel
Super Tombo e muito mais...



Unidade Itaim
Rua Dr. Alceu de Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006



Cardápios Diferenciados
Menu Kacher
Menu Japonês
Menu Árabe e outros...

Criamos Lembrancinhas Personalizadas

Estacionamento Com Manobrista

Unidade Higienópolis
Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640



MOEMA

Cama Elástica
Roda Palhaço
Camarim de Fantasias
Elevador Discovery
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Carrossel
Super Brinquedão com área baby
Parede de Alpinismo Eletrônica
Lanchonete Infantil
Dardo Eletrônico
Lan House
Super Tombo e muito mais...

HIGIENÓPOLIS
Barco Viking
Games / Air Boy
Super Brinquedão com área baby
Máquina de Dança
Mono Rail
Cama Elástica
Área Teens
Lanchonete Infantil
Casinha do Macaco
Parede de Alpinismo
Carrossel
Dardo Eletrônico
Games (jogos em rede)
Super Tombo
Espelho Mágico e muito mais...



Unidade Moema
Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818



Constancia Pagano observa exames que comprovam o sucesso dos radiofármacos no tratamento de cânceres

Energia nuclear: o caminho certo

Constancia Pagano, que durante quatro décadas esteve à frente da produção de radiofármacos no Ipen, fala sobre o início das pesquisas no Brasil e do emprego desses compostos no tratamento do câncer

No fim da década de 1930, o físico norte-americano Ernest O. Lawrence ganhava o Prêmio Nobel de Física pelo desenvolvimento do ciclotron, aparelho utilizado para acelerar partículas nucleares subatômicas. Energizadas, essas partículas tendem a se chocar com os átomos, que se transformam em isótopos instáveis e, portanto, radioativos. Apesar do grande salto que Lawrence proporcionou à ciência, seu trabalho acabou sendo utilizado na concepção da poderosa e letal bomba atômica. Por outro lado, aproximadamente duas décadas depois, uma mulher brasileira empregaria o mesmo legado científico para salvar vidas.

Constancia Pagano, formada em Química pela USP, foi pioneira na produção de radiofármacos no Brasil. Sintetizados a partir dos isótopos instáveis radioativos de Lawrence e também de reatores nucleares, esses compostos (como o próprio nome diz: fármacos ou drogas radioativas) são utilizados no diagnóstico e, mais atualmente, no tratamento do câncer - uma das doenças que mais matam no planeta. Vantagens? O diagnóstico é precoce, e o tumor pode ser detectado em sua fase inicial. Quanto à terapia, ela ocorre de forma menos invasiva e mais eficaz, pois evita que células saudáveis sejam afetadas pelo tratamento.

Filha de pais italianos, Pagano nasceu em Cravinhos (SP) e foi com a família para a Velha Bota quando tinha apenas cinco anos. Mas não ficaram muito tempo por lá. Logo estavam de volta ao Brasil, desta vez na capital, morando na avenida Paulista e depois na rua Augusta. Foi assim que a menina ingressaria no então *Istituto Medio Italo-Brasileiro Dante Alighieri* (formada

com a turma de 1946), que depois passaria a se chamar apenas Colégio Dante Alighieri, onde teria início sua longa trajetória de conquistas.

Pequenina, sorridente, olhos vibrantes e atenta a tudo. Diante do gravador, voz mansa, calma, às vezes quase inaudível. Ao telefone, timbre firme, que se impõe, próprio de uma líder, de alguém que durante quase 50 anos esteve à frente da produção de radiofármacos no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen). Há um ano e meio, foi premiada pela "World Nuclear Association" por sua contribuição ao uso pacífico da energia nuclear. É claro que um prêmio não resume todo o sucesso de um profissional. Mas uma homenagem como essa, certamente, diz muito. E, solicitada a comentar o emprego dessa energia na produção de bombas e armamentos, a resposta vem simples e curta: "Sou totalmente contra, nem quero saber do lado bélico. Sempre me interessei pelos fins pacíficos".

Em sua sala no Ipen, onde cedeu a entrevista, encontra-se pendurado ao lado da porta um retrato de Charles Chaplin, sentado junto ao famoso garoto pobre que o destino jogou em seu caminho. A poucos passos dali, uma vitrine de vidro guarda um gerador de tecnécio, importante sistema radioativo que ela ajudou a produzir. Sobre a vitrine, uma foto de crianças - netas de antigas colegas de profissão. São pequenas pistas sobre a personalidade, a vida e o trabalho da pesquisadora que impulsionou a medicina nuclear no Brasil, da mulher que sempre obteve o apoio da família na profissão que exigiu tanto do seu tempo e da sua dedicação, da doutora em Química que, um dia, sonhou em ser médica - e que, de uma forma ou de outra, acabou se transformando em uma "salvadora de vidas".

Conte um pouco do início da carreira e das primeiras contribuições para a medicina nuclear.

Depois do Dante, estudei no Instituto de Química da USP, que ficava na alameda Gleite. Após me formar, dois professores alemães me fizeram um convite. Eles perguntaram se eu queria trabalhar na Faculdade de Medicina, no laboratório de isótopos. Resolvi aceitar, e fiquei alguns anos trabalhando com material radioativo importado. Naquele tempo, início dos anos 50, o material importado era o fósforo 32. Até recebemos um prêmio da Academia Nacional de Medicina. Nessa época, houve um curso latino-americano de metodologia de radioisótopos. No fim da década, pensei: 'Temos um reator nuclear instalado no Ipen, que ainda se chamava Instituto de Energia Atômica. Por que então não fazemos radioisótopos aqui no Brasil? Vamos começar!' Foi assim, como um estalo. A partir daí comecei a fazer parte dessa produção.

E aí a senhora viajou para o exterior...

Em 1961, o professor Marcelo de Souza Santos (um dos grandes nomes da Física no Brasil), diretor do Instituto, me disse: 'Constância, você vai fazer um estágio no exterior sobre produção de radioisótopos. Você quer ir para onde, Estados Unidos ou França?' Respondi que para a França! Fiquei no Centro de Estudos Nucleares de Saclay. Lá eles eram pioneiros nessa área. Fiquei cinco meses aprendendo, voltei para São Paulo e demos início às produções. Assim começava a medicina nuclear no Brasil. Começamos a aumentar as pesquisas e a criar novos produtos para a classe médica. Fiz isso até um ano atrás, quando cheguei a hora de me aposentar. Pediram para eu ficar como assessora da superintendência, e eu disse: 'Tudo bem, dá para ficar mais um pouco...' (*risos*)

Fale mais da sua passagem pela França...

Naquela época, é lógico, tudo estava muito no começo, mesmo lá na França. Aprendi a fazer uma série de radioisótopos e a instalar as células estanques recobertas com chumbo para produzi-los. A manipulação delas é feita por controle remoto. Esses e outros equipamentos eu trouxe de

lá, como os visores de vidro plumbífero. Depois, sempre continuamos comparecendo a congressos no exterior e acompanhando os avanços da área. E é muito interessante, porque até hoje mantenho contato com o pessoal da França.

Depois de tanta contribuição, o que a senhora ainda pretende fazer pela área?

Estou sempre me atualizando, sempre em contato com os médicos, buscando saber da necessidade deles quanto a novos compostos. Procurando saber o que é possível produzir aqui, o que não é, e sempre tentando melhorar nossas técnicas para estar próximo dos países desenvolvidos na área. E também para entusiasmar os mais jovens que vêm aí.

Qual era o interesse de se trabalhar com isso? Já se tinha idéia dos benefícios dessa área?

Sim, claro, já era uma maravilha para a medicina nuclear. Toda essa parte do uso de radiofármacos, ou seja, o radioisótopo que é incorporado em diferentes substâncias químicas, mais simples ou mais complexas, e depois injetado no paciente. Após isso, é feita uma cintilografia - como se fosse uma detecção externa da radiação - e pode-se verificar como está o órgão estudado. A vantagem é que esses produtos mostram mais o metabolismo e a função do órgão, ao passo que a tomografia e a ressonância mostram mais a morfologia. Essa é a importância. Hoje, por exemplo, temos um produto muito bom, que não é produzido em reator, mas sim em ciclotron: a fluordeoxiciglicose marcada com flúor 18. Esse é um dos últimos compostos que fizemos. É muito bom no diagnóstico de cânceres em seu estágio mais inicial.

Como funciona esse produto?

Os tumores são muito ávidos de glicose. Se você injeta glicose, ela vai diretamente para o tumor, e assim pode-se detectar em que situação está a doença. Antes fazíamos radiofármacos mais para a parte de diagnóstico, e agora já estamos fazendo para terapia. Temos um produto marcado com Lutécio-177 (que infelizmente nosso reator não tem fluxo suficiente para produzir, e temos que



Constancia Pagano na década de 1960, ao lado de um perito francês, durante a instalação da célula para produção de coloidal radioativo (^{198}Au).

importá-lo). Incorporado a um peptídeo, é usado no tratamento de tumores neuroendócrinos. Em alguns casos, depois de quatro ou cinco doses, você vê que o tumor já desapareceu.

Quando a senhora ingressou nesses estudos, ainda era uma área incipiente. Quais eram as dificuldades?

Havia muitas. Primeiro porque não conhecíamos muito a área. E tinha também a parte da proteção radiológica... O pessoal tomava cuidado, mas o controle não era tão rígido, era tudo mais ameno. Bem, havia dificuldades como há em tudo o que se inicia, sobretudo em se tratando de algo novo em todo o país. Tínhamos um reator, claro, e fazíamos o possível com ele, como o iodo 131, para estudo da função tireoidiana. E fomos crescendo, buscando recursos...

Quanto a essa questão dos recursos... hoje é mais fácil?

Às vezes. Ainda há dificuldades, mas são superadas. É a Comissão Nacional de Energia Nuclear que nos gere, nos atende. Hoje, temos cerca de 300 clínicas no país inteiro. Dois milhões e meio de pessoas por ano são atendidas com a medicina nuclear. Logicamente, o número é mais

concentrado em São Paulo, e a produção nacional, concentrada aqui no Ipen.

Mas ocorre também em outras regiões?

A produção de radiofármacos é monopólio da União. Mas o governo já liberou a instalação de ciclotrons no país, com os quais se pode fazer radioisótopos de meia-vida curta. Essa ^{18}F -fluorodeoxiglicose, por exemplo, tem uma meia-vida de duas horas. É humanamente impossível mandarmos isso para o Norte do país, por exemplo. Claro que essa produção não é fácil, precisa de especialistas para operar o ciclotron, para produzir os radiofármacos, cuidar da proteção radiológica... Mas a coisa está andando, como no Recife, em Belo Horizonte e outras regiões.

A formação desses especialistas ocorre onde? No Brasil e no exterior. No Brasil, aqui no Ipen.

E as pesquisas mostram que o uso de radiofármacos tem mostrado resultados animadores no tratamento de tumores...

Agora é que a terapia está avançando mais. No início tínhamos o iodo 131, para tireóide. Hoje avançamos muito com outros radioelementos. As doses da terapia são altas, mas sempre se procura

que o radioisótopo, associado a um composto químico, fique localizado apenas na zona tumoral. A energia beta do radioelemento deve ser tal que atinja apenas a região da doença. A escolha tem que ser precisa, estudada. Tem que olhar bem que tipo de tumor é, onde está localizado e em que estágio está.

Em todos esses anos, qual seria o composto mais importante que a senhora produziu ou ajudou a produzir?

Hoje, acho importantíssimo o 18F-Fluorodeoxiglicose, fabuloso na detecção de tumores malignos em estado inicial, e muito importante para acompanhar o tratamento, a progressão ou a regressão da doença. As pesquisas vêm desde 1999. Os hospitais de São Paulo adquiriram equipamentos PET (tomógrafos por emissão de pósitrons) que utilizam a 18F-Fluorodeoxiglicose para diagnóstico de tumores. O Sírio Libanês e o Albert Einstein são os que mais adquirem o produto do Ipen. Existe outro produto que fazemos que é o gerador de tecnécio-99m, que tem meia-vida curta, de 6 horas, e vem do decaimento do molibdênio-99, cuja meia-vida é de 66 horas. Esse molibdênio-99 é fixado em uma coluna de alumina, e depois de 24 horas a atividade do tecnécio é máxima. O médico passa pela coluna uma solução de soro fisiológico, e retira apenas o tecnécio. Depois de outras 24 horas, o processo pode ser repetido, e assim sucessivamente. Esse elemento radioativo pode ser associado a diferentes substâncias químicas que são usadas para o diagnóstico de doenças em diferentes funções do organismo humano.

Mas, pelo que se percebe, a medicina nuclear ainda é pouco usada no país...

Comparativamente com o primeiro mundo, o Brasil ainda usa pouco. Somos um país muito grande. Veja, acabamos mandando medicamentos injetáveis, como a 18F-fluorodeoxiglicose, com o dobro da dose. Para Goiânia, por exemplo, enviamos com cinco meias-vidas pelo mesmo preço. Por isso outros centros estão sendo criados em diferentes estados do país. Eu apoiei instalações de ciclotrons para produção de radioisótopos de meia-vida curta, pois não podia

ser um monopólio da Comissão [Nacional de Energia Nuclear].

A senhora imaginou que, ao ingressar na Química, ajudaria a salvar vidas?

Meu pai era médico. E eu pensava: 'Também vou estudar medicina'. Mas ele me desencorajou, disse que era muito pesado, desgastante etc. 'Tudo bem, então vou fazer química'. Aí, anos depois, quando me convidaram para ir trabalhar na Faculdade de Medicina, fiquei muito entusiasmada. Enfim, de uma forma ou de outra, eu havia entrado na área, mexendo com material radioativo. Gosto de produzir uma coisa que tenha aplicação, que se possa ver o resultado, e que é um bem para os pacientes. Sempre trabalhei fazendo o meio de campo com os médicos, conversando com eles, vendo o que eles precisavam, o que era possível ser feito... Acho que estava escrito, né? Não me 'deixaram' fazer medicina, mas acabei contribuindo para ela.

Como fazia para conciliar a profissão e a família, já que as pesquisas exigiam tanto da senhora?

Tinha minha mãe, que morava no mesmo prédio e que me ajudou muito na educação do meu filho. Na época do meu doutorado, meu marido também deu uma grande ajuda. Eu ficava sábado e domingo estudando, e ele é que ficava e passeava com o nosso filho. Fui muito feliz no casamento, e ainda sou.

O que a senhora diria aos jovens que queiram seguir essa carreira?

É uma área que está crescendo. Há sempre novos produtos aparecendo, melhorias a serem feitas, sobretudo na terapia. Existe uma outra área, que não é a minha, que faz sementes de Iodo-125 para braquiterapia, utilizadas para detectar tumor de próstata em estágio inicial. Nesse caso são fontes radioativas seladas, envoltas em invólucros de titânio, e não abertas como aquelas com as quais eu trabalho. Para ingressar na carreira, o caminho é a química ou a farmácia. Afinal, nossos produtos são fármacos. Tanto que temos que registrá-los na Anvisa. Atualmente não temos esse registro, porque antes não era exigido. Mas agora as coisas

Arquivo pessoal

mudaram, e estamos nos preparando para esse trabalho.

Como ex-aluna do Dante, o que a senhora lembra da época em que a escola teve que mudar seu nome para Visconde de São Leopoldo [devido à II Guerra Mundial]?

Que tristeza! Meu pai falava: 'Mudou o nome de Dante Alighieri para Visconde de São Leopoldo. Quem é esse Visconde de São Leopoldo?' (risos). Nós, alunos, percebíamos que havia uma certa animosidade no ar. Não se podia falar a língua italiana. Eu morava na rua Augusta, e só para o meu pai (que era italiano) sair de casa para comprar pão, já era um problema. Lembro daquelas casas, que tinham um vidrinho na porta de entrada... Tinha que ficar tudo fechado.

E as boas lembranças?

Tenho muitas memórias do Colégio. Lembro bem daquele extenso gramado [onde hoje são as quadras poliesportivas]... havia umas palmeiras altas, íamos até lá comer os coquinhos (*risos*)... Recordo das amizades, da seriedade da escola... Lembro muito do professor de desenho, em cuja matéria sempre fui uma negação. Eu brincava com ele: 'Ah, professor Mecozzi, deixe alguém fazer o trabalho por mim, vou ser médica ou química!' Ele dava risada... Quanto à química, lembro do professor Faiguenboim, que me entusiasmou a seguir a profissão. Sempre admirei também o grande respeito dos alunos pelos professores, e vice-versa. Meu irmão também estudava lá, três anos na minha frente. Ele era levado, impossível. Mas eu era comportada. E meu filho também acabou estudando no Dante, onde se formou e entrou na Escola Politécnica da USP.

E depois disso a senhora ficou um bom tempo sem voltar ao Colégio?

Sim, mas me emocionei quando fui no ano passado [2006], para participar de um jantar de ex-alunos... Vi aquela grandiosidade, tudo bonito... deu uma saudade mesmo. Foram 12 anos maravilhosos que passei lá. A lembrança é muito boa. Inclusive me ajudou quando fui para a França. Aprendi o francês no Dante, com a professora Madame 'Perriê'. Foi maravilhoso. ☺



Arquivo

Hon. Sr. Diretor Colégio Visconde de São Leopoldo

Visto

Director

Superior Federal

Constancia Pagano

filha de Paulo Pagano, natural de Curitiba, nascida no dia 10 de Janeiro de 1928, residente a 7 Augusta, 12091, aprovada em todas as disciplinas da 2ª série do curso científico, conforme prova e certificado incluso, requer a sua matrícula na 2ª série do curso científico.

P. Deferimento

S. Paulo, 11 de Março de 1945.

Constancia Pagano

Memórias do Colégio Dante Alighieri: na foto de cima, Constancia Pagano no pátio central. Abaixo, requisição de matrícula para a 2ª série do curso científico da escola (na época, com o nome de Colégio Visconde de São Leopoldo, devido à II Guerra Mundial).

Em busca da bela forma



Como o país que dominou a cena mundial do design durante três décadas luta para permanecer entre os melhores

O típico jeito italiano de agir, cheio de romantismo e talento para usar a lábia, tem-se transformado no trunfo do país para se manter no topo do bilionário mercado mundial de design.

Esses traços de personalidade ganharam peso à medida que outros traços, aqueles que saem das pranchetas e computadores dos designers italianos, deixaram de ser o principal modelo para profissionais e consumidores do mundo todo e passaram a dividir claramente seu espaço no panorama global com as produções da Alemanha, dos países nórdicos, e, principalmente, com a diluição das nacionalidades.

Desde a última década do século XX, grandes empresas de móveis, utensílios domésticos, roupas e carros de luxo investem maciçamente na internacionalização de suas produções. A cadeira vendida por uma empresa da França pode ter sido fabricada na China, a partir do projeto desenvolvido num escritório da Espanha por um designer formado na Itália. Assim, além de haver mais países com produções nacionais fortes, tornou-se complicado perceber num objeto as linhas de uma só bandeira.

Diante da concorrência mais acirrada e da mundialização a pleno vapor, as características que sempre ajudaram designers italianos a conquistar clientes - uma cultura forte de artesanato, apelo às emoções, além de

competência para vender - tornaram-se os grandes diferenciais de tal país para continuar ganhando dinheiro e exercendo influência no desenho industrial.

“A interpretação do mundo em objetos é cada vez mais globalizada, mas seguramente há uma forma local de resolver demandas globais e o que caracteriza o design italiano atual é o fato de os profissionais de lá manterem uma relação com a identidade da Itália, inclusive quando saem para trabalhar em outro país”, explica o croata Marko Brajovic, diretor da Escola de Design do Instituto Europeo di Design no Brasil.

Embora a manutenção dessa identidade seja uma arma poderosa nas mãos dos criadores de hoje, a construção do modo italiano de fazer design é um presente das gerações anteriores de projetistas, responsáveis por fazer do período entre 1950 e 1980 os “anos de ouro” do desenho industrial no país.

Casamento rentável

O processo de construção da imagem de qualidade em torno da etiqueta “made in Italy” remete ao período de governo do ditador Benito Mussolini. Na esteira do projeto fascista de transformar a Itália numa potência industrial, o *Duce* estimulou a multiplicação de fábricas em setores considerados estratégicos, alguns dos quais bastante ligados ao design, como o da moda. Somente após a Segunda Guerra, porém,

é que os industriais que respondiam por esse parque instalado nas décadas de 1930 e 1940 começaram a abrir os olhos para o fato de o desenho criativo poder alavancar a venda de produtos no exterior.

Em pleno esforço de reconstrução do país, investir em estudo de formas e linhas poderia parecer um desperdício, mas os empresários italianos foram pioneiros em acreditar que embalagens bem-projetadas, somadas a produtos de traços eficientes e, acima de tudo, exuberantes, poderiam ser uma estratégia de posicionamento poderosa.

Paralelamente à abertura das companhias aos projetistas, surgia também uma geração de arquitetos preocupados em intervir não apenas na fachada das casas ou no espaço público, mas também em explorar o ambiente particular, os móveis e objetos que os moradores usariam no cotidiano. A soma entre demanda industrial e oferta de talentos resultou em frutos para a economia e a cultura do país.

“O ‘pequeno milagre’ do design italiano a partir de 1950, a fase de ouro que eles tiveram, só aconteceu por causa da sintonia entre empresários inteligentes e profissionais que viram na indústria um ponto de vazão para a criatividade que eles traziam”, defende Giorgio Giorgi, professor de Desenho Industrial do Centro Universitário Senac. Um bom exemplo da visão ampla dos administradores italianos desse período vinha da família Olivetti, dona de uma empresa símbolo da industrialização da Itália e que, após investir em desenhos inventivos para seus produtos, ganhou fama justamente pela ousadia de formas de suas máquinas de escrever.

Uma vez que casamento e cobrança muitas vezes caminham juntos, a união com a indústria acabou exigindo dos designers resposta ao mesmo desafio que se fazia aos artesãos: como criar peças que, além de úteis, sejam belas a ponto de se tornar objeto de desejo do comprador e, portanto, muito mais vendáveis?

A resposta dos italianos foi justamente mergulhar nas referências históricas que já tinham - a longa tradição de artesanato, arte e arquitetura que fazia a fama dos povos que habitavam a península itálica. Interessados no talento dos artesãos e escultores populares em arrebatá-lo e oferecer prazer aos

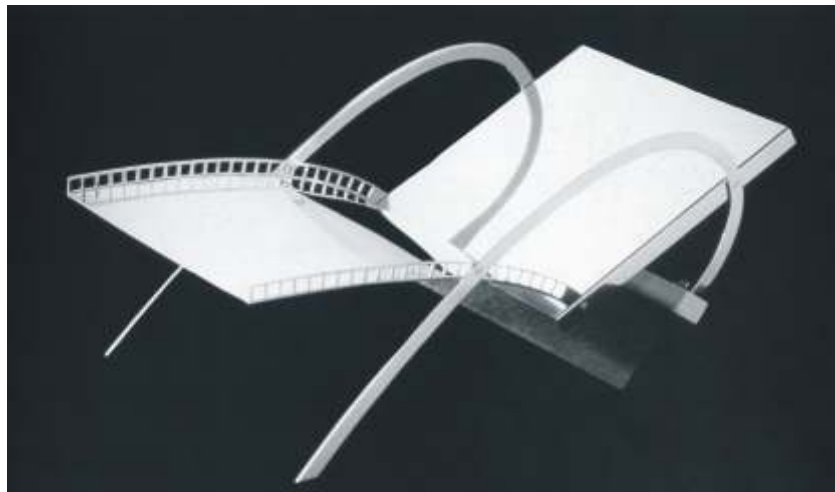
olhos, os projetistas levaram ao produto industrial, feito em larga escala, essa preocupação em estimular a emoção do comprador.

Pelas mãos de designers como Carlo Scarpa e Vico Magistretti, objetos comuns - uma tigela ou um conjunto de talheres, por exemplo - ganhavam formatos tão pouco usuais que provocavam, no mínimo, curiosidade em quem os observava. O traço poético, quente e exuberante passou a identificar a produção italiana e a conquistar consumidores dentro e fora do país.

A experimentação que dava aos produtos italianos um ar fresco de atualidade, inexistente nas peças feitas em outros países, acabou por redefinir também a variedade de matérias-primas usadas na indústria. Borracha, plástico, prata, qualquer material entrava na lista de estudos dos projetistas e começava a ganhar aplicações diversas daquelas que existiam até então. Numa época em que regras sociais e culturais eram contestadas ao redor do mundo, os italianos curiosamente levavam a queda de fronteiras também ao desenho industrial.

As curvas e cores que ninguém mais tem
No entanto, se um certo “espírito hippie” de expandir as possibilidades se fazia presente nas concepções artísticas, no trato comercial os fabricantes italianos estavam anos-luz distantes do desapego comum a quem pregava o amor livre. Na moda, na decoração, no setor automobilístico, os empresários aproveitavam o talento dos designers para cristalizar marcas tão fortes que se tornavam até meio míticas. Caso típico é o da Ferrari. Da fábrica de Mara-

Abaixo, a “fruteira-revisteiro Bering”, de Matteo Thun (Memphis, Milano, 1982) / Exposição Prata Italiana do século XX. Na outra página, no alto, óculos da Salvatore Ferragamo.



nello, onde a empresa monta seus carros, nunca saíram os automóveis mais potentes ou econômicos do mundo. Ainda assim, nenhuma outra marca excita tanto os amantes do ronco de um motor quanto ela, a ponto de formar a torcida mais fiel que existe na Fórmula 1. O segredo do fetiche pela Ferrari repousa justamente nas curvas ousadas, no desenho que chega a ser sexy, para alguns.

Foi esse mesmo apelo de sensualidade que trouxe fama às criações italianas também no design de moda. Dos croquis de estilistas da Itália saíram as criações mais ousadas das décadas de 1950 e 60, em alta costura: vestidos que escorregavam pelo corpo e valorizavam as curvas da mulher eram concebidos sempre em tecidos de tons vibrantes, a ponto de Valentino ter immortalizado, em suas criações, um tom de vermelho que ficou conhecido na palheta de cores com o seu nome. Na seqüência do “vermelho Valentino”, surgiram Dolce&Gabbana e Versace. As coleções de ambos mostravam, ano a ano, que na criação de roupas a carta na manga dos italianos era a mesma do design de móveis e objetos: grande conhecimento dos materiais com que trabalhavam e uma visão apaixonada das criações.

A maestria das casas de costura do país cativou fãs especialmente em duas áreas que enlouquecem consumidoras mundo afora: sapatos e bolsas. “Desde pelo menos a segunda metade do século XX, ninguém faz calçados comparáveis aos italianos. Os sapatos são confortáveis, o couro é o mais macio e o desenho é de uma sofisticação que não se vê em nenhum outro país”, elogia a professora de História da Moda

da Faculdade Santa Marcelina, Miti Shitara.

Os novos ares que os italianos levaram ao desenho de moda feminina sopraram também sobre a masculina, a partir da década de 1980. Na garupa do sucesso de Giorgio Armani, ternos e gravatas de etiqueta italiana chegaram ao topo do panteão dos chiques e premiaram Milão com o título de capital mundial da moda-homem, desde então.

Enquanto a fantasia italiana de um vestuário sedutor e expressivo era desfilada no vaivém das passarelas, o design mundial seguia um percurso menos favorável aos desenhistas daquele país, na última década do século. A globalização começava a tomar forma e a bagunçar o cenário bem definido. A flexibilidade para produzir em qualquer canto do planeta favoreceu a desconcentração da indústria têxtil, mobiliária, automotiva e tecnológica. As linhas de produção não precisavam estar perto dos centros criativos e tornava-se real



Sapato da Salvatore Ferragamo (Divulgação)

a possibilidade de vender simultaneamente em um número enorme de mercados. Com as demandas cada vez mais globais, não só ganharam prestígio novos pólos de desenho industrial como os próprios designers italianos passaram a atuar em escritórios fora da Itália.

Para agravar o quadro negativo, tomavam impulso na economia setores que os italianos não dominavam tanto quanto os asiáticos, os americanos ou os vizinhos do norte da Europa. Computadores, produtos eletroeletrônicos e desenho gráfico digital passaram a responder por fatias significativas do design, áreas nas quais a Itália não brigava - e ainda não briga - entre os grandes. Após trinta anos de influência plena, o império mediterrâneo do desenho industrial deu lugar a um cenário "multipolar", onde ninguém encabeça a lista sozinho, mas disputa palmo a palmo seu espaço.

O fim da hegemonia obrigou as marcas italianas, mesmo as que mais se beneficiaram da "idade de ouro" do design, a encontrar formas de reforçar as características locais. Dar prioridade ao desenho industrial como forma de vender produtos transformou-se numa prática ainda mais forte por lá, como revela um episódio vivido pelo professor de Design do Senac, Giorgio Giorgi.

Autor de um projeto de luminárias, em parceria com o sócio Fabio Falanghe, Giorgi um dia enviou uma cópia de sua criação a empresas italianas que pudessem se interessar em fabricá-la. Sem grandes expectativas quanto à possibilidade de resposta, Giorgi teve pouco tempo depois uma surpresa: numa tarde recebeu, em seu escritório em São Paulo, a ligação do vice-presidente da Confindustria, a confederação nacional de indústrias da Itália. O figurão da entidade que representa milhares de firmas daquele

país estava no Brasil e, como era dono de uma das empresas que haviam recebido o protótipo, queria marcar um horário para discutir pessoalmente maneiras de concretizar a proposta. "É nítido como eles tratam o designer de maneira especial. Se eu tentasse falar com o vice-presidente de alguma federação industrial em outro país, não passaria da secretária, mas o que tem ajudado os italianos a se manterem na ponta do mercado de desenho, principalmente em mobiliário, é o fato de eles acreditarem no quanto uma boa idéia nessa área pode ser lucrativa", define o professor.

À cultura de design, as empresas do país acrescentam o tino de mercadores, que enriquece a região desde o Renascimento. As marcas italianas de vestuário, por exemplo, têm na capacidade de responder ao que deseja o consumidor uma vantagem sobre as concorrentes francesas, tradicionalíssimas rivais no mundo das agulhas.

"A França ainda é o berço do luxo tradicional, mas a Itália consegue, hoje, captar com mais competência as mudanças de gosto do público e transformar essas tendências num desenho de moda bem contemporâneo. O luxo italiano é mais acessível, mais próximo de cada um do que o francês", compara Carlos Ferreirinha, coordenador do curso de MBA em Gestão do Luxo da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap).

O tato para saber o que vai fisgar homens e mulheres diante de uma vitrine reflete-se nos gráficos de faturamento. Nos últimos anos, a Itália assumiu a liderança mundial em volume de negócios na área de acessórios de moda. Sapatos, bolsas, cintos e relógios converteram-se em muitos dólares nos bolsos dos paletós bem-costurados dos empresários locais. Outra prova de que a veia de comerciante tem ajudado os italianos a conservarem a pose no desenho industrial é o sucesso das linhas nacionais de jeans. Calças com "cara de dia-a-dia", à venda em lojas como Diesel e Miss Sixty, dividem espaço com vestidos de alta costura, nas ruas mais chiques das metrópoles.

É o que se vê, por exemplo, na Oscar Freire, em São Paulo, onde as duas marcas fincaram lojas quase lado a lado. Em poucos quarteirões, funciona ainda uma





terceira concorrente italiana nos jeans descolados, a Replay.

Essa proliferação de companhias da Velha Bota faz sentido quando se observa a afeição com que a classe média alta daqui aprova o design planejado por lá. O interesse do brasileiro pelas linhas italianas leva marcas até a estabelecerem fábricas no país.

Presente em 40 países, a grife de armários MisuraEmme nunca havia aberto filiais para produzir seus móveis em outros lugares, que não na sede da empresa, na pequenina Mariano Comense. O desejo de entrar no mercado tupiniquim e a insistência dos parceiros comerciais, no entanto, levaram os italianos a apostar na instalação de uma linha de montagem junto da empresa paulista Fênix, em Itatiba, a 80 km da capital do Estado. Uma equipe veio da Itália só para treinar os funcionários locais e, assim, permitir que a MisuraEmme venda em lojas daqui exatamente o que sai da fábrica de lá sem precisar embutir nos produtos o custo do câmbio e dos impostos de importação. “O brasileiro se identifica muito com os móveis mais coloridos, brilhantes, cromados, de linhas fartas e material bom. Por isso que mesmo as empresas brasileiras que não têm parceria com os italianos copiam o que é lançado na Feira de Milão e passam a produzir igual”, afirma Liliana Tuneu, responsável por trazer a marca ao Brasil, referindo-se ao evento de design mais importante do mundo, realizado na cidade européia.

Para além do interesse brasileiro pelas etiquetas italianas, porém, os designers de lá deixaram marcas no nosso próprio modo de fazer desenho industrial.

Orgulho do setor automobilístico, a Brasília, que na década de 1970 abalou o reinado do Fusca como típico carro popular do brasileiro,

tinha mecânica da alemã Volkswagen, mas veio ao mundo com um toque italiano em suas curvas - herança do pai do projeto, Mário Piacastelli, que era filho de imigrantes e havia se formado em escolas da Itália. O “corpo” da Brasília, em formato de trapézio, e as grandes áreas envidraçadas, por exemplo, assemelhavam-se aos traços das máquinas feitas na Itália, naquele período, explica Auresnede Stephan, professor do curso de Design da Mobilidade da Faap. Também os exemplares da marca Malzoni, mais tarde rebatizados de Puma, deixavam aparecer um certo sotaque de Maranello, já que a carroceria era toda transposta da Ferrari GTO. “O mito do desenho esportivo que os italianos dão a seus carros já existia por aqui, mas como não podíamos importar veículos em massa, os brasileiros adaptavam os traços de lá aos modelos nacionais”, lembra Stephan.

Contribuições ainda mais profundas vieram das mãos da arquiteta romana Lina Bo Bardi. Formada em arquitetura na Itália, Lina abandonou uma carreira sólida por lá e mudou-se para o Brasil em 1946, junto do marido, Pietro Maria Bardi. Aqui, ela embrenhou-se na criação de prédios e também de objetos, trabalho a partir do qual passou a pesquisar manifestações da arte e do artesanato populares, bem ao estilo do que os designers italianos faziam por lá, naquela fase.

A sensibilidade da romana às cores, formas e expressões tradicionais da terra que a recebeu foi a mais importante manifestação de “brasilidade” no desenho feito aqui, até então, e abriu as portas para a busca de uma linguagem mais específica do país. O mesmo percurso foi seguido por compatriotas de Lina, como Roberto Sambonet, um dos grandes nomes da “idade de ouro” do design, que trabalhou por

Da esquerda para a direita, “Vaso Phoenix”, de Gabriele De Vecchi (Milano, 1990) / Exposição Prata Italiana do século XX, bolsa Salvatore Ferragamo e Ferrari Challenge Stradale.

mais de dez anos em São Paulo.

“Conforme foram pesquisando a cultura local, esses arquitetos deram uma contribuição muito maior do que apenas importar o desenho italiano. Eles trouxeram a atitude de valorizar o que é autêntico, popular, o que é daqui”, aponta Giancarlo Latorraca, do setor de exposições do Museu da Casa Brasileira.

Meio século mais tarde, é essa mesma postura a explicação mais provável para o sucesso dos dois artistas que, nos últimos anos, tornaram-se símbolos do design brasileiro no exterior, especialmente na Itália. Descendentes de imigrantes da terra de Fellini e nascidos no interior de São Paulo, os irmãos Campana - Fernando e Humberto - aproveitam referências do mundo rural e da paisagem urbana da capital paulista para produzir mobiliário com materiais inusitados, como ripas toscas de madeira, semelhantes às usadas nos barracos de favela.

As peças criadas pelos irmãos trouxeram reconhecimento na Itália, onde uma das mais importantes empresas de móveis do mundo, a Edra, bancou a produção em série de diversos projetos deles.

Cadeiras feitas de cordas, bichos de pelúcia ou plástico-bolha - aquele cheio de esferas de ar, usado para embalar pacote - também já renderam aos irmãos participação em exposições no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA) e uma clientela fiel ao estúdio dirigido por ambos.

Pela observação de materiais e padrões populares, os Campana reforçam no Brasil a estratégia forte na Itália de buscar o artesanal e o tradicional para criar o novo. “Eles sabem explorar a idéia de exotismo que o Brasil passa no exterior, mas com muito bom gosto, com apreço pela forma.

Nesse sentido, eles têm uma sincronicidade com a maneira italiana de produzir, o que talvez explique a fama que conquistaram por lá”, interpreta Fábio Righetto, coordenador do curso de Design da Faap.

No contexto globalizado, a estratégia da Itália de buscar força nas características locais faz escola também no plano internacional e os beneficiados são a Itália, o Brasil e o próprio desenho industrial. ☛



À esquerda, jarra de Argenteria Genazzi (Milano, 1940). Acima, as “Tigelas espiga de milho”, de Franco Albini/ F. Helg, San Lorenzo (Milano, 1971) / Exposição Prata Italiana do século XX.

Afinados e refinados

Com turnês pela Europa e Estados Unidos, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), fundada há mais de 50 anos, é considerada a mais importante da América Latina e vem solidificando seu reconhecimento internacional

Sala São Paulo. Por fora, saguão belo e imponente. Por dentro, o teto todo recortado para gerar a acústica ideal. As pessoas tomam aos poucos os seus lugares e esperam o concerto começar.

Devagar, o burburinho vai abaixando até quase desaparecer. Com os músicos já no palco, entra o maestro. Muitos aplausos. Começa a música, acompanhada de uma emoção que rapidamente toma conta do lugar e das pessoas. E eis que alguém resolve desligar o celular já em meio ao início do concerto. O barulhinho terrivelmente inconveniente jamais passaria despercebido neste lugar de ouvidos apurados: o maestro, visivelmente irritado, faz sinal para que os músicos parem de tocar. E sai. E volta. Mais aplausos. Até que o concerto finalmente começa.

Considerada atualmente a mais destacada da América Latina, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) apresenta uma programação abrangente, com grandes obras do repertório musical internacional ao lado de peças de vários compositores brasileiros, trazendo ao país alguns dos maiores solistas e regentes da atualidade, como o maestro Kurt Masur, o compositor Krzysztof Penderecki, a soprano Barbara Hendricks, os pianistas Stephen Kovacevich e Nelson Freire, entre vários outros. São mais de 60 convidados a cada ano.

Violinos, violoncelos, harpa, tuba, fagotes, flautas, trompas, oboés, trompetes, trombones, tímpanos,



teclados. Por trás de instrumentos tão diversos, a Osesp tem 115 músicos. Eles ensaiam ao menos quatro dias por semana - e, dependendo da complexidade do repertório da vez, também aos sábados. Metade dos ensaios se dá em período integral.

Em cada temporada anual de concertos há aproximadamente 130 apresentações. Em quase todas as exibições, a Sala São Paulo

brilha com sua lotação máxima - 1.500 lugares. Outro bom sinal é a grande procura pelas séries de assinaturas, que começaram a ser disponibilizadas há sete anos.

Assinante e assíduo na Sala São Paulo há um ano e três meses, o engenheiro Sérgio Branco diz gostar da Osesp principalmente pela qualidade técnica da orquestra. “Os músicos são excelentes. É emocionante observar

Na temporada anual da Osesp, a Sala São Paulo recebe aproximadamente 130 apresentações.



Divulgação

Realizações recentes

O maestro John Neschling, com o apoio do governo do Estado de São Paulo, liderou ações importantes na instituição, como a criação do Centro de Documentação Musical Maestro Eleazar de Carvalho, do Serviço de Assinaturas e do Serviço de Voluntários. Além disso, fechou uma parceria com uma gravadora sueca para o lançamento de mais de 20 álbuns. As novidades implantadas se estendem desde a incorporação do antigo Coro Sinfônico do Estado de São Paulo pela Osesp até a formação do Coro Infantil, em 2004.

como as peças passam do lírico ao trágico, da alegria à tristeza, da tempestade à bonança. É muito bom poder acompanhar o movimento dos músicos, a intimidade deles com o maestro e a precisão com que cada instrumento 'entra' ou 'sai' da música”, diz. O lugar é uma atração à parte. “O espaço da Sala São Paulo é simplesmente deslumbrante”, afirma Sérgio.

O público da Osesp vem aumentando e é bem variado, percorrendo todas as idades e extratos sociais. Especialmente nos concertos do início do ano, em que os ingressos são vendidos a preços mais acessíveis.

História

No passado da Osesp não há tantas flores como na atualidade. Fundada em 1954 pelo maestro João de Souza Lima, as atividades chegaram a ser paralizadas em alguns períodos: entre 1956 e 1964, por falta de verbas e de remuneração aos músicos; e entre 1966 e 1971, por ordens do então governador Abreu Sodré.

Após estar sob a batuta do italiano Bruno Roccela, o grupo foi comandado durante 24 anos pelo maestro Eleazar de Carvalho, que viria a falecer em 1996 sem ver concretizado o seu maior sonho, uma sede própria para a Osesp.

Em 1997, a orquestra passou a ser dirigida pelo maestro John Neschling. Nascido no Rio de Janeiro e descendente de austríacos, ele é sobrinho-neto do compositor Arnold

Schoenberg e do maestro Arthur Bodanzky. Entre a morte do maestro antecessor e a sua chegada, a Osesp foi dirigida pelos próprios músicos, que tinham como representante o trompetista Marcelo Lopes, hoje diretor executivo da Fundação.

No comando, Neschling exigiu uma série de condições para poder reestruturar a orquestra e liderou várias transformações que fizeram da Osesp, hoje, um referencial de qualidade e excelência no campo da arte brasileira.

Assim, inúmeras conquistas aconteceram nesses últimos dez anos, como a criação da Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Organização Social da Cultura) em 2005, que representou a realização de um antigo sonho de músicos e administradores da orquestra. Além disso, passou-se de três pessoas para quase duas centenas o número de funcionários administrativos e técnicos, o que vem possibilitando, tanto para a orquestra quanto para a Sala São Paulo, a ampliação de parcerias e a melhoria na qualidade dos serviços oferecidos.

Mais planos

Do ano de 2000 a 2006, as bem-sucedidas turnês da Osesp rodaram o mundo: América Latina, Estados Unidos, Europa, Cone Sul e o próprio Brasil. Neste ano de 2007, a orquestra voltou a excursionar pela Europa. “Antigamente, as orquestras brasileiras eram desimportantes. Hoje em dia, a nossa orquestra tem sua reputação própria e vai



Divulgação

tocar nas grandes casas da Europa, com programas que trazem também Debussy, Respighi ou Tchaikovsky”, disse Neschling à Folha de S. Paulo pouco antes da turnê. “Fomos ovacionados no Lincoln Center, em Nova Iorque, e o sucesso das apresentações na Alemanha e Suíça mostrou que temos aceitação de público e crítica internacionais”, completa o maestro no *site* oficial da orquestra (ver abaixo o item “Serviço”).

Os recitais foram apresentados, no mês de março, em Portugal (um), na Espanha (três), na Suíça (seis), na Alemanha (dois), na Áustria (um), na Hungria (um), na Polônia (um) e na França (um).

O pianista húngaro Deszö Ránki, que se apresentou no Brasil em fevereiro deste ano, esteve com a orquestra também durante a turnê e tocou o “Concerto nº 2”, de seu conterrâneo Béla Bartók. O brasileiro Nelson Freire é outro grande destaque da excursão e tocará o “Concerto nº 4”, de Rachmaninov.

O sabor brasileiro das apresentações ficou por conta da exibição alternada da peça “Abertura Concertante”, de Camargo Guarnieri, e das “Bachianas Brasileiras nº 4”, de Heitor Villa-Lobos.

Depois da turnê, a Osesp planeja lançar em abril a gravação de “Pastoral”, de Beethoven, e um CD com músicas de compositores judaicos. Por fim, já está fechado o acordo para a gravação, nos próximos anos, da íntegra das obras de Respighi e Hindemith. ▣

A orquestra conta com 115 músicos, que ensaiam pelo menos quatro vezes por semana, metade delas em período integral.

Na próxima página, leia entrevista com o violinista Emmanuele Baldini →

Serviço

O site <http://www.osesp.com.br> traz o cronograma de todas as apresentações e audições da Osesp, assim como várias informações interessantes para quem quer conhecer melhor a orquestra e os conceitos que regem a música erudita em geral. O endereço também tem vídeos, fotografias, arquivos de áudio, charges e os perfis de todos os músicos.

Italianos da Osesp

A Osesp conta atualmente com três músicos italianos - fora os muitos brasileiros descendentes, naturalmente.

Simona Cavuoto, 31 anos, nasceu em Rimini e já tocou em várias orquestras italianas. Está na Osesp desde 2005. Jessica Dalsant, 34 anos, nascida em Trento, é flautista e já foi premiada em diversos concursos nacionais e internacionais, tanto em formações de câmara quanto como solista. Está na Osesp também desde 2005.

O mais conhecido deles é Emmanuele Baldini, 35 anos, nascido em Trieste. Vencedor de concursos internacionais desde

muito jovem, ele se consagrou como solista ao ganhar o 1º prêmio *Virtuosità* com menção especial em Genebra e o 3º prêmio no concurso “Rodolfo Lipizer”, de Gorizia. Apresenta-se em recitais (solo ou em duo) em toda a Itália e nas principais salas européias. Desde março de 2005 é o violinista *spalla* da Osesp - ou seja, o primeiro violino da orquestra; executa passagens solistas, serve como regente substituto e repassa aos outros músicos as determinações do maestro (que o cumprimenta ao fim de cada peça). Leia abaixo a entrevista com o simpático músico.



Como você começou a tocar violino? Chegou a tocar outro instrumento?

E.B.: Nasci em uma família de músicos; minha mãe e meu pai são pianistas. Sempre que eu chegava da escola, ia para o piano. E tocava besteiras da minha cabeça, improvisava. Minha mãe até gravou algumas das “coisas horríveis” que eu toquei (risos). Até o dia em que vi na televisão um concerto com um famoso violinista italiano, Uto Ughi. Fiquei simplesmente fascinado. Nesse dia eu disse para os meus pais: “Quero estudar violino!”. E, no Natal daquele ano, minha avó me deu um violino pequeno, desses para quem está começando. Foi assim que comecei. Eu tinha seis anos e meio, mais ou menos. Na época, meu pai me disse: “Eu não forcei você a tocar violino, foi você quem escolheu. Então, agora que você quis, vai ter que se dedicar”.

Há quanto tempo você toca na Osesp?

E.B.: Eu já vinha sendo convidado desde 2004, cada vez mais frequentemente. A partir de 2005, fiquei de vez. Mas a primeira vez em que estive no Brasil foi antes de tocar com a Osesp. Eu tinha 17 anos e vim com o meu pai para um concerto de música de câmara no Clube Espéria. Ele tocando piano, eu violino.

E a adaptação ao Brasil, foi difícil?

E.B.: Foi fácil. Eu sempre adorei o Brasil, sempre fui fascinado por esse país. E o povo é muito caloroso, parecido com o povo italiano.

Vários dos músicos da orquestra são estrangeiros, de países bem diferentes. Eles também estão bem adaptados?

E.B.: Sim, todos os estrangeiros se integraram bem rápido à orquestra. A maioria, inclusive, é casada com brasileiros e até já tem filhos brasileiros. Estão aqui porque amam esse país. Essas coisas não acontecem à toa. Se um músico escolhe sair da Itália, da Alemanha ou da Rússia para vir pra cá, é por uma razão especial. É porque há alguma alma latina dentro de nós que se sente à vontade em meio a esse povo e esse ambiente.

E como é a convivência entre vocês?

E.B.: É muito estimulante tocar com pessoas de diferentes países e escolas musicais. A presença de estrangeiros até já gerou uma certa polêmica por aqui, mas é algo que só tem a acrescentar à orquestra. Faz pouco tempo, um repórter do jornal *Le Monde* esteve na Sala São Paulo. Ao ouvir que 30% dos músicos da Osesp são estrangeiros, ele disse: “Como em toda boa orquestra, não é?”. Mesmo a orquestra de Viena, centro máximo da tradição, não tem só austríacos. Com certeza deve haver pelo menos uns 20% de estrangeiros. Durante a excursão da Osesp pela Europa foram previstas, inclusive, audições em Paris. Ou seja, dá-se a músicos de toda a Europa a chance de ir a Paris para fazer uma prova e tentar entrar na Osesp. Isso é simplesmente maravilhoso!



O violinista italiano Emmanuele Baldini, que integra a Osesp desde 2005.

Como você vê a Osesp em relação às grandes orquestras do mundo, em termos de qualidade?

E.B.: É muito difícil comparar. Essa orquestra foi estruturada há muito pouco tempo, dez anos. E a idade média dos músicos é muito baixa, as audições foram feitas quase todas de uma só vez. É uma situação muito diferente da das orquestras dos Estados Unidos e da Europa, onde os músicos tocam há mais de 20 anos na mesma orquestra e conhecem perfeitamente todo o repertório. Tirando esse fato de que ainda temos muito o que evoluir em maturidade, as potencialidades da orquestra são enormes. E essa visão é confirmada por importantes críticos que conheço e pelos solistas convidados para os concertos. Todos já me disseram pessoalmente como a orquestra é dinâmica e cheia de potencial.

A Osesp costuma tocar peças brasileiras nas apresentações internacionais. Antes de vir para o Brasil, você conhecia compositores como Villa-Lobos e Camargo Guarnieri?

E.B.: Fora do Brasil se conhece somente Villa-Lobos e, mesmo assim, bem poucas coisas dele. Acho até que isso é culpa dos músicos brasileiros. Falta divulgação, falta uma maior difusão da música erudita brasileira. A música popular daqui é muito mais divulgada, é conhecidíssima mundo

afora. E, se pensarmos no conjunto da América Latina, o Brasil é sem dúvida o país que mais contribuiu em termos musicais, não há sequer comparação. Agora, na Itália, vou tocar uma sonata para piano e violino de Villa-Lobos. Os meus colegas de lá perguntaram: "Mas existe sonata de Villa-Lobos para piano e violino?". Na verdade, não só existe como existem quatro! Ou seja, há um desconhecimento. Precisamos divulgar esses compositores. Vamos tocá-los, e isso é muito importante para a orquestra também. Nunca vi qualquer orquestra tocar Villa-Lobos como faz a Osesp. É uma ligação muito forte: as músicas são a cara do Brasil, a alma do Brasil, as cores do Brasil.

O seu português é ótimo...

E.B.: Estou muito feliz que você tenha dito isso, porque aprendi o português falando, quando já estava aqui. Mas passei por alguns problemas terríveis nos primeiros dois ou três meses. Houve um ensaio em que virei para o meu naipe e disse: "Toquem um pouco mais suave essa passagem, porque eu a *ouvo* muito dura". (risos) Oras, em italiano, ouvir é *sentire*. E se conjuga "*io sento*". Logo, com o verbo ouvir eu tinha certeza de que seria "eu ouvo". Foi assim que aprendi o português, falando algumas besteiras e sendo corrigido pelas pessoas! (risos)

O legado de Pennacchi

Artista italiano, que transitava entre o sagrado e o profano, deixou no Brasil milhares de obras em forma de afrescos, telas e esculturas

Vista de fora, já foi confundida com um convento mais de uma vez. A casa, não menos majestosa do que muitas outras do Jardim Europa, região nobre de São Paulo, conserva um ar austero por trás do muro coberto de plantas. A porta principal, grandiosa e de madeira escura, esconde um detalhe: um pequeno quadrado no centro se abre para que se possa ver quem é o visitante. E ela é parte de uma obra de arte na qual viveu Fulvio Pennacchi, artista italiano responsável pela construção da casa e por seus retoques - novos quadros, desenhos e cerâmicas acrescentados à decoração - que foram constantes até 1992, quando faleceu, aos 87 anos.

Nascido em 1905 em Lucca, região da Toscana, Pennacchi estudou na Real Academia de Arte, na própria cidade natal, onde aprendeu a pintar, a esculpir e a estimular seus dons artísticos. Em 1929, por causa de problemas burocráticos na Itália fascista, veio para o Brasil - onde já residiam dois irmãos e alguns primos de segundo e terceiro graus - e aqui permaneceu pelo resto de sua vida. Chegou no meio da crise cafeeira. “Numa carta, ele fala que nunca tinha visto uma cidade com tantos cartazes de vende-se, aluga-se”, conta Valerio Pennacchi, de 59 anos, historiador e parente de Fulvio, que teve uma convivência próxima com o artista e é um dos maiores estudiosos de sua obra.



Num momento de crise, só se comprava o necessário para viver, e os quadros de Pennacchi com certeza não estavam entre esses itens. A maneira que o artista encontrou para sustentar a si e à sua arte foi comprar dois açougues. Além disso, nessa mesma época, Pennacchi tornou-se professor de arte do Colégio Dante Alighieri. Esse trabalho o levou a conhecer a mulher com quem dividiria seu amor e o gosto pela arte - Filomena Matarazzo,

neta de Francesco Matarazzo, grande industrial da época. Ela levava sua irmã caçula, Lívia, para ter aulas com Pennacchi. Esses contatos esporádicos eram apenas o início de uma relação plena e duradoura, mas ainda não havia nada entre os dois. Um dia, Filomena foi ver um afresco que ele acabara de pintar na casa de Galileo Emendabili, amigo do artista, e, no encontro, Fulvio e ela se apaixonaram. Apesar de, num primeiro momento,

o pai de Filomena ter tentado impedir o casamento - chegou a mandar a filha para viver por três anos em Buenos Aires -, acabou mais tarde por aceitar a união, que aconteceu em 1945. Mesmo no tempo em que o casal viveu separado, trocavam cartas apaixonadas e Fulvio acrescentava aos seus relatos alguns poemas, aquarelas e desenhos simples, guardados até hoje por Filomena.

Ainda nos anos 30, Pennacchi foi membro do Grupo Santa Helena, também constituído por

Detalhe de um dos afrescos pintados por Fulvio Pennacchi em sua própria casa.

Francisco Rebolo, Alfredo Volpi, Mário Zanini, Aldo Bonadei, Alfredo Rizzotti, Humberto Rosa, Clóvis Graciano e Manuel Martins. O grupo de artistas se reunia num ateliê de um prédio na Praça da Sé, em São Paulo, e, ao contrário das associações de elite de pintores que se formaram naqueles anos, tinha apenas integrantes humildes: um ourives, um ferroviário, um mecânico, um jogador de futebol, entre outros. Pennacchi era um dos poucos que haviam estudado arte. “Na obra dele você pode ver um pouco de muitas técnicas, porque naquela época os artistas eram formados em arte como um todo, não havia a separação entre pintura, design”, explica Giovanna Pennacchi, de 57 anos, uma entre os oito filhos do casal.

Os afrescos da Igreja Nossa Senhora da Paz, na rua do Glicério, centro de São Paulo, pintados por ele em 1942, ainda podem ser contemplados. Outra de suas obras mais famosas é o conjunto de afrescos do Hotel Toriba, em Campos do Jordão, feito em 1943.

Simplicidade e maestria

A casa no Jardim Europa, construída num terreno de 3 mil metros quadrados cedido pelo pai de Filomena, é uma demonstração da versatilidade de Pennacchi. Os afrescos das paredes, que também figuram entre as obras mais conhecidas de Pennacchi, dividem o espaço com esculturas em cerâmica e móveis desenhados pelo próprio artista e executados pelo Liceu de Artes e Ofícios.

Na sala de jantar, a mesa em que parte da família ainda se reúne para as refeições tem detalhes que passam despercebidos aos que não dedicam um olhar mais atento. Os pés da mesa parecem ter sido torneados cuidadosamente e as cadeiras também têm pequenos desenhos de flores e corações, que se repetem em outros móveis. “É um refinamento que não salta aos olhos, uma riqueza de detalhes íntimos, que não foram feitos para os outros verem”, aponta Valerio. O historiador justifica a arte intimista como uma herança que Pennacchi trouxe de sua terra natal. “Lucca é uma cidade fechada com muralhas. Essa característica intimista da arte



Em todos os lugares: nas paredes, em cima dos móveis, no canto das salas, na parte externa e até no banheiro, as obras de Pennacchi se espalham pela casa onde morou. Na primeira foto de cima para baixo, detalhe de um afresco da Igreja Nossa Senhora da Paz.



Parte da fachada da casa de Fulvio Pennacchi, que muitas vezes foi confundida com um mosteiro. A própria arquitetura da construção leva a marca do artista, que no projeto buscou inspiração em sua saudosa Toscana.

dele mostra a não-fantasticidade de que ele revestia a vida”.

Além do cuidado com as minúcias, elementos fundamentais em sua obra, Pennacchi não exigia materiais sofisticados ou ostentação de riqueza. A casa, por exemplo, apesar de ser grandiosa, tem paredes de reboco; o banheiro não tem os mármore usados por outras famílias ricas da época, mas azulejos brancos pintados à mão e armários funcionais - que Fulvio idealizou até com uma divisória para se colocar a roupa suja; as cadeiras da sala de jantar possuem assentos de palha.

“Ele nunca teve uma camisa de seda, não precisava disso”, conta Valerio. “E trabalhava como um louco, mesmo tendo dinheiro”. Giovanna também se lembra do jeito simples do pai, que, em casa, reunia os filhos para fazer colares de argila. Fulvio também gostava de levá-los para passear. “Ele adorava ir à feira com a gente comprar frutas”, lembra a filha. “Via uma pessoa na rua e fazia um desenhinho dela. Via pessoas num bar tomando vinho, pegava uma cadernetinha e desenhava”. Além dos desenhos, Pennacchi também fazia pequenas esculturas, como bustos em homenagem a qualquer passante da rua.

Retratando ora o popular, como no quadro “Festa caipira”, de 1946, ora o religioso, como em “A última ceia”, de 1950, o artista passeava entre o sagrado e o profano. Ao longo de toda a sua carreira, que foi do naturalismo italiano dos anos 1910 até o retorno à ordem (um movimento do período entreguerras que desvalorizava os experimentos da vanguarda), percorreu várias fases. “As duas vertentes sempre existiram em paralelo”, explica Valerio. “Ele tinha uma espiritualidade. Conforme o dia e essa espiritualidade, ele pintava uma imagem sacra ou uma cena campestre”. No Brasil, Pennacchi passou a reviver as fases artísticas por que passara na Itália. “Ele foi se transformando pela própria convivência no Brasil. Aqui o céu é azul, tem sol, aqui tem verde. Eu diria que mais ou menos em 1946, 48, ele já era um pintor brasileiro porque, sendo pintor e sendo sensível, ele via as cores que estavam ali em volta. Mas não deixou de ser sacro por causa disso”, esclarece Valerio. “Minha esposa disse uma vez que o Pennacchi, que era muito religioso, na verdade não amava só o Deus da Igreja, mas o que o ser humano tinha de divino. E é por isso que ele podia entender uma festa junina: entendia a alegria de

Procura-se

Entre os anos de 1939 e 1940, Pennacchi executou vários murais e afrescos, entre os quais "A última ceia" e "A visita", na casa de um engenheiro. As duas obras foram destruídas, e não são as únicas.

Segundo estimativas da família, a produção de Pennacchi chega a 8 mil obras. O tempo, o desconhecimento e o descuido, porém, permitiram que apenas cerca de 2.500

delas fossem identificadas e catalogadas. Por isso, Giovanna está tentando reunir tudo o que é de autoria de seu pai num catálogo, recuperando obras que tenham sido prejudicadas ou que estejam esquecidas em algum velho casarão a ser demolido.

"Outro dia, o neto da dona da pensão onde o Pennacchi viveu na década de 1930 ligou dizendo que tinha uma obra dele em casa. Um

Jesus enorme, de mais de 2 metros de altura, que tinha desaparecido", conta Valerio. "Provavelmente, Pennacchi ficou sem dinheiro para pagar o aluguel e ofereceu o quadro à mulher". Com a pesquisa da família, trabalhos do artista estão sendo encontrados ou até descobertos. Eles pedem quem tiver um Pennacchi em casa entrar em contato por e-mail.

-> escritoriopennacchi@uol.com.br
-> valeriopennacchi@terra.com.br

Da esquerda para a direita, afresco pintado em uma das salas da casa, imagens inspiradas em anônimos que o artista encontrava na rua e pinturas nos azulejos da cozinha.



quem estava na festa", diz Valerio, referindo-se a uma escultura de Fulvio, justamente chamada "Festa junina".

Para ver todas as cores do país no qual viveu a maior parte de sua vida, era preciso sair de casa. "Ele não era um pintor que ficava trancado. Levava as crianças na praia, falava com pescadores", conta Valério. "A Filomena e ele saíam de carro, paravam no meio das ruas com casas em construção e recolhiam argila no chão para queimar e ver de que cor ficava". Os testes com a cerâmica fizeram de Pennacchi um autodidata na técnica.

A relação entre Fulvio e Valerio era próxima, quase como a de pai e filho. Valerio se lembra de acompanhar o trabalho do artista, desde a infância, e essa proximidade foi fundamental para que ele compreendesse muito de sua obra.

Ele recorda que Pennacchi, muitas vezes, começava a pintar um quadro antes de terminar o anterior. "Ele não pintava em série, mas começava a pintar um quadro e se cansava do assunto. Passava pra outro". Era imprevisível, até para o próprio artista, o que cada uma das obras teria. "Ele preparava o fundo e falava: 'Ah, não sei por que pus esse azul', e encostava na parede por até um ano. Depois ele retomava", conta. "Ou me mostrava um quadro, perguntava o que eu achava, eu dizia que poria mais árvores, ele queria saber por quê...". Hoje, na mesma casa em que Valerio acompanhava o trabalho de Fulvio e aprendia com ele, Filomena mora sozinha. E o ateliê onde o artista trabalhava é usado pelo único filho, Lucas Pennacchi, que resolveu seguir os passos do pai na arte. 🍷

Confluências em Trieste

Em nove ensaios, o italiano Claudio Magris reflete sobre a complexidade do ser humano e resgata a miscelânea étnica que deu origem à sua região natal

Ganhador do prêmio “Príncipe das Astúrias” de 2004, o italiano Claudio Magris é o autor da obra “Microcosmos”, de onde foi tirado o metalingüístico trecho citado em destaque.

Um dos mais lúcidos analistas da realidade europeia, Magris tem sua opinião solicitada muito freqüentemente pela mídia mundo afora. Professor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Trieste, ele traduziu para o italiano obras de Ibsen e de Kafka, entre outras.

A paixão por transitar entre diferentes culturas e mundos e construir pontes entre eles ajuda a explicar o fascínio do autor pela grande miscelânea humana que é a sua região natal, Trieste. Em *Microcosmos*, conjunto de nove ensaios, o autor faz reflexões complexas sobre personagens tão multifacetados e ricos quanto a própria vida.

Privilegiadamente localizada junto ao mar Adriático, Trieste sempre foi alvo de acirradas disputas políticas e econômicas. Fundada pelos romanos em aproximadamente II d.C, a cidade foi depois invadida pelos hunos e mais tarde dominada pelos bizantinos. Pertenceu também ao império austro-húngaro, sendo incorporada à Itália somente após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

A influência de tantos costumes fez com que essa região se tornasse muito rica em referências históricas: um lugar verdadeiramente multicultural.

Como diz o autor em um dos trechos mais significativos do livro: “(...) homens e povos são trigo para a história que os mói; na hora dói e ficam manchas de sangue no chão, depois elas secam e o pão que daí resulta é bom”. Ele se refere, no caso, aos cólquidas, gregos, romanos, ístrios, liburnos e outros tantos ilírios, godos, francos, bizantinos, eslavos, venezianos, sarracenos e

croatas, além de franceses, austriacos, italianos, alemães e iugoslavos. Estes, os muitos povos que formaram Trieste - e ainda a formam, no sentido de que ainda a transformam por meio da interação da história e das raízes coletivas com o presente.

Magris traça o seu abrangente retrato da cidade e das regiões vizinhas sob as perspectivas histórica, cultural, geográfica e filosófica. São vários os lugares que dão origem aos nove capítulos do livro: o “Café San Marco”, onde podemos encontrar os mais diversos tipos de seres humanos prontos para serem observados (“uma Arca de Noé, onde, sem favoritismos nem exclusões, há lugar para

todos”); Malnisio, a cidade da comvente personagem Esperia, que se apaixonou platônica e obsessivamente por um oficial emiliano e virou uma espécie de lenda local; a pequena Grado, rodeada por várias ilhas e representante das culturas adriática e mediterrânea; Sviscaki, área de florestas próxima à Eslovênia onde são famosos os ursos selvagens;

“(...) Escrever também serve para isto, para nos distrair da morte. Prados, colinas e declives são constelados de *masi* e fazendas; mesmo essa vida de troncos espalhados pelas encostas da montanha tem seus historiógrafos totalizadores, que guerreiam contra o tempo registrando todo detalhe, sem negligenciar uma só cabana velha em seu lento apodrecimento. (...) Narrar é guerrilha contra o esquecimento e convivência com ele; se não houvesse a morte, talvez ninguém narrasse”.

Cambiano, citada pelo autor como parte do Piemonte, a qual teve que “despiemontizar-se” para comandar a unificação italiana ocorrida no século XIX; Canidole, região próxima à Croácia e que se viu envolvida - até emocionalmente - nas sangrentas guerras iugoslavas do fim do século passado; o Tirol, onde estão os italianos mais alemães e austríacos do mundo; ou seriam os alemães e austríacos mais italianos de todos?

As habilidades intelectuais do autor são requisitadas o tempo todo, e são sempre embasadas pela história e pela memória. Entretanto, nada disso impede um quê de “perfume literário” nas histórias relatadas: ele inclusive cita, em uma passagem, ninguém menos que Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A ideologia de Magris também aparece de forma clara, porém dosada e pertinente: é nítida a sua posição a favor de um mundo onde o conceito de país deva ser relativizado em prol da noção de uma comunhão geral entre os povos.

A narrativa é bem detalhada e funde o singular no universal. O tempo e o espaço são atravessados como

se o autor estivesse munido de uma grande corrente capaz de interligar eventos particulares da região aos mais relevantes acontecimentos da história europeia. Mais uma razão pela qual essa leitura se torna instrutiva e prazerosa. Também chama a atenção o jogo feito entre as delicadas questões da alteridade e da identidade, vitais em uma região tão heterogênea histórica e culturalmente.

Os perfis humanos certamente merecem destaque. Cuidadosos, apurados, curiosos, sensíveis, inteligentes e certos, eles se espalham pelo livro todo - para deleite do leitor. Todos são tão importantes para a compreensão da realidade local que podemos nos arriscar a dizer que *Microcosmos* também se aventurou - com sucesso - pelo gênero do livro-reportagem. ¶

Microcosmos
 Claudio Magris
 Editora Rocco / 251 págs.



Reprodução

Trecho da obra

“Marin possuía a épica auto-suficiência das crianças e de certos velhos, que simplesmente são, assim como a natureza, e não dependem do olhar alheio (...). Sentiu profundamente o trágico dissídio imanente à vida e ao seu transcorrer, ao seu nascer e perecer; sentiu-o no plano filosófico, no plano religioso, no plano histórico, e também no drama da Itália oriental e adriática, do qual foi testemunha e participante desde a Primeira Guerra Mundial até a adesão ao fascismo, passando pela milícia do CLN [Comitê de Libertação Nacional] e pelo difícil segundo pós-guerra. 'Se o Espírito do Mundo decidiu apagar a milenária estampa vêneta do mundo adriático oriental', dizia, 'baixarei a cabeça e direi *fiat voluntas tua*, mas em seguida, por minha conta, vou acrescentar: maldito', completando a clássica blasfêmia.

Acima de qualquer conflito, ainda que sofrido, Marin disse sim, amém à vida plena, para além do bem e do mal. Via e ouvia em toda a parte, mesmo na dor e na morte, a unidade desta, a possuía com uma inebriada e inquietadora sensualidade que achava no céu de verão, mas também as gaivotas

mortas na areia, já a caminho da dissolução, ele as apanhava quase com desejo. Para ele, a eternidade das criaturas era o significado delas na vida do todo, a crista da onda no mar, não mortificada por sua rápida quebra. Sua poesia toda canta essa unidade em que cada existência floresce e murcha, como a planta que morre e renasce.

Portanto, mesmo na tragédia, a vida era para ele um canto, um sim: Marin ignorava aquele não que, mesmo amando as pessoas, os animais, as plantas, as coisas vivas, é preciso por vezes saber dizer ao universo, ao *big bang* e a todo o carnaval sanguinolento que se seguiu, se quisermos prestar atenção não somente ao pranto de Aquiles, mas também à ganideira desesperada do sofrimento abjeto e sem nome, que nem sequer consegue ter voz. Mas o amor de Marin pela vida não tinha nada de edificante; era o forte amor pelos encantamentos de que ela é rica, apesar de tudo, e que sua poesia colheu e recriou com um feitiço musical que parece brotar do murmúrio do porvir, quase ainda aquém do dizível, canto de sereias anterior à razão e à história.”



Reprodução

Cisnes de Leonardo conta a história das duas herdeiras mais velhas da casa d'Este: as irmãs Isabella, tornada marquesa de Mântua; e Beatrice, duquesa de Milão.

Diferentes em personalidade e aparência, elas irão competir veladamente pela glória no ambicioso mundo da nobreza européia e pela atenção de um dos príncipes mais influentes da península itálica, Ludovico Sforza (marido de Beatrice). O prêmio maior seria a imortalidade em um quadro a óleo feito pelo pintor e engenheiro da corte de Milão, ninguém menos do que o *magistro* Leonardo da Vinci.

Isabella - a irmã bonita, desejada e prendada - acaba por mostrar-se não tão segura assim das suas tantas qualidades, pois precisa o tempo todo reafirmar aos outros e a si mesma o quanto tem mais encantos e erudição do que a irmã. Já Beatrice, antes a pobre coitadinha da família que por pouco é esquecida pelo noivo e não se casa, amadurece como mulher e revela-se hábil no campo da política.

Aliás, em um contexto em que a guerra era sempre iminente e as alianças entre os nobres absolutamente voláteis, as jovens irmãs tinham de colocar suas emoções e medos de lado e pensar politicamente

como chefes de Estado que eram. Um grande e belo desafio para meninas que se casavam aos 15 anos - esperando, ingênuas, amor dos maridos arranjados.

No livro, o inventor e artista da Vinci aparece pitoresco e adorável. Louco para se dedicar aos seus minuciosos estudos sobre a anatomia, a luz, a engenharia e tantas outras coisas, ele infelizmente precisava lutar para manter a si e a seus auxiliares. Subordinado economicamente aos seus benfeitores, precisava desperdiçar o seu gênio decorando salões para festinhas e pintando paredes.

Além de dar ao leitor um vislumbre do que seria a vida dos nobres no olho do furacão renascentista, a autora Karen Essex abre cada capítulo com um diferente trecho do diário que da Vinci escreveu ao longo da vida. Premiada jornalista e roteirista de cinema, ela já teve seus livros traduzidos em vinte idiomas. Seus artigos e ensaios são publicados em revistas como Vogue e Playboy.

Cisnes de Leonardo

Karen Essex

Editora Suma de Letras / 324 págs.



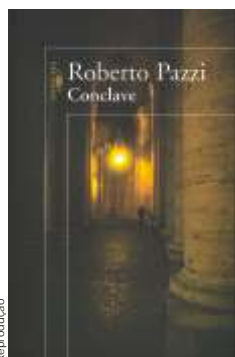
Reprodução

Italo Calvino foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Nascido em Cuba, ele escreveu toda a sua obra na língua de Dante - até porque sua família voltou para a Itália logo após seu nascimento.

No clássico *O cavaleiro inexistente*, obra de 1959 que ganhou esta edição mais moderna, são narradas as aventuras do paladino Agilulfo, acompanhante, na França medieval, do imperador Carlos Magno. Agilulfo é, na verdade, um

vazio dentro de uma armadura branca, impecável e imaculada, de cujo interior ressoa uma voz metálica.

Nessa espécie de romance de cavalaria às avessas, o que menos importa são os feitos. Todos os personagens se apresentam dentro de um contexto fabuloso e mítico, e é neles que está o foco. Com um texto ágil, bem construído e deliciosamente irônico, Calvino põe em ação sua brilhante capacidade alegórica e também sua verve humorística. Um dos trechos mais notáveis nesse sentido é a confissão da freira-narradora, a quem coube a penitência de relatar



Reprodução

O romance *Conclave* narra os meandros da escolha de um novo papa. Cheia de elementos fantásticos, a história objetiva traçar uma bem-humorada radiografia da sociedade atual e tocar em assuntos delicados para a Igreja Católica.

Durante a reclusão dos cardeais, o Vaticano é atacado sucessivamente por hordas de ratos, escorpiões e morcegos. A única solução encontrada para minimizar o estrago foi lotar o lugar de gatos e galinhas, para que eles espantassem as pragas.

Alguns prelados morrem misteriosamente. Cardeais africanos celebram estranhíssimos rituais de magia negra. Outros conversam com mortos. E vários questionam a própria fé enquanto são pressionados pelos líderes mundiais para escolherem logo o sumo pontífice.

O fio condutor da obra é a ótima e enigmática consciência do cardeal de Turim Ettore Malvezzi, um dos menos “papáveis”. Em meio a tamanho caos e desordem, ele descreve com minúcias as estratégias de seus colegas. Grupos se unem contra a candidatura sempre mais provável dos italianos, e os italianos procuram se unir contra esses grupos. As jogadas geopolíticas são relatadas friamente como

parte corriqueira de qualquer conclave - o que é uma grande verdade. A ala mais tradicional da Igreja vê-se dividida entre o desejo de selecionar um papa por pura inspiração do Espírito Santo e a vontade de se livrar logo dessa estressante tarefa e retomar o contato com o mundo exterior.

Ao longo do interminável conclave e da sucessão de acontecimentos surreais, Malvezzi começa a sentir cada vez mais fraca a sua percepção sobre o que é realidade ou não. *“Talvez a insanidade seja assim: um velho hábito que não temos tempo para cuidar, sempre à espera de um momento mais oportuno, até que finalmente se torna tolerável, quase insignificante”*, pondera o atormentado personagem. Roberto Pazzi é poeta e romancista. Bastante premiado, sua narrativa em *Conclave* é de fato bem-feita e refinada, mas o autor não chega a ser o sucessor de Ítalo Calvino - como alardearam alguns críticos mais apressados.

Conclave
Roberto Pazzi
Editora Objetiva / 253 págs.

a história: (...)“*excetuando-se funções religiosas, tríduos, novenas, trabalhos de lavoura, debulha de cereais, vindimas, açoitamento de servos, incestos, incêndios, enforcamentos, invasões de exércitos, saques, estupros, pestilências, não vimos nada. O que pode saber do mundo uma pobre freira?*”(…).

Além do cavaleiro, são apresentados Gurdulu, o bizarro escudeiro, e Rambaldo, o jovem que descobre o mundo e o amor em meio à guerra. Temos também Torrismundo, que busca pôr à prova a sua identidade. Por último, Bradamante, uma cavaleira que, mesmo tendo todos aos seus pés (ou melhor, exatamente por isso), busca o impossível e se apaixona pelo cavaleiro

inexistente. O texto simples e fácil do autor oculta na verdade uma enorme riqueza de interpretações possíveis. A mais evidente delas soa como um grande elogio ao humanismo: a insegurança de Rambaldo, perdido nas incertezas que o cercam, destaca-se de forma bela no contraste com os extremos morais intolerantes, inflexíveis e até desagradáveis de Agilulfo.

O cavaleiro inexistente
Ítalo Calvino
Editora Companhia das Letras / 133 págs.

De novo no topo:

Laura Pausini

Artista apresenta repertório de grandes nomes da música italiana e, novamente, atinge o topo das paradas

A cantora Laura Pausini promove uma ode ao pop italiano em seu álbum mais recente “Io canto”, lançado no fim do ano passado. O disco reúne dezesseis sucessos - de alguns dos principais músicos do país - reinterpretados na doce voz da artista.

Eros Ramazzotti, Gianluca Grignani, Nino Buonocore e Zucchero estão entre os contemplados pelas novas versões. O forte do disco são as baladas, marca registrada da cantora. Laura injeta frescor a faixas mais antigas como “Io canto”, de 1979, que abre o álbum; “Anima fragile”, de 1980; e “Strada facendo”, de 1981. A homenagem da artista nascida em Solarolo, no entanto, não se restringe a sons que marcaram sua formação musical. Há também canções que acompanharam sua carreira, como “Stella

gemella”, de Ramazzotti, e “Spaccacuore”, de Samuele Bersani. Entre as demais faixas estão “Due”, de Raf, e “Scrivimi”, de Buonocore, que já haviam recebido releituras na voz de Renato Russo, em seu álbum solo “Equilíbrio distante”, composto inteiramente de canções em italiano.

Laura continua a fazer o que sabe melhor: levar canções românticas da Itália para os quatro cantos do mundo. Desde sua estréia em 1993, a cantora, hoje com 32 anos, tornou-se rapidamente uma importante embaixadora da música italiana no exterior. Do primeiro disco “Laura Pausini”, saíram os hits “Non c’è”, “Perché non torna più” e “La solitudine”, que lhe rendeu uma vitória no aclamado Festival di Sanremo. Faixas como “Strani amore”, “Le cose che vivi” e “Tra te e il mare” colocaram



Divulgação

Laura Pausini estreou em 1993 e, desde então, sempre esteve nas primeiras paradas de audiência, exportando para o mundo a música italiana.



Em seus vários discos, a cantora já gravou em português, espanhol, francês e inglês.

seus álbuns no topo das paradas na Europa e na América Latina.

A cada novo lançamento, o status de fenômeno pop de Laura intensifica-se. Sua fórmula é certa. Letras românticas, refrões cantaroláveis, músicas simples moldadas por arranjos pop. Para arrebatá-los de vez os fãs fora da Itália natal, seus discos costumam ganhar versões em diferentes idiomas. A cantora já gravou em espanhol, francês, inglês e português.

Tudo em torno de Laura Pausini toma proporções gigantescas. Os 10 mil ingressos para seu show no estádio de San Siro, em Milão, marcado para junho de 2007, esgotaram-se em apenas um dia - ela será a primeira mulher em toda a história da música a se apresentar no local. É possível encontrar facilmente em sites de leilão na internet pessoas vendendo entradas superfaturadas para o evento, a única oportunidade que os italianos terão de ver sua estrela entoando as músicas do disco de *covers*.

Um projeto como "Io canto" parece nascer destinado a atrair a atenção de milhões. Lançado simultaneamente em 47 países, o álbum vendeu mais de 500 mil cópias só nas lojas da Itália, em apenas cinco semanas. O disco foi o mais vendido no país em 2006. Nesse mesmo ano, Laura tornou-se a primeira artista italiana a ser contemplada com um Grammy, o maior prêmio da indústria fonográfica norte-americana. "Escucha", a versão em espanhol do CD "Resta in ascolto", de 2004, recebeu o troféu na categoria de

melhor álbum latino de pop.

A projeção internacional ao longo da carreira facilitou as colaborações com artistas consagrados, como Luciano Pavarotti, Gilberto Gil e Michael Bublé. Em seu último trabalho, Laura também recebeu a ajuda de diferentes cantores, em três duetos. Com o colombiano Juanes, interpretou "Il mio canto libero", de Lucio Battisti. Já os vocais de "Come il sole all'improvviso", de Zucchero, receberam o sotaque em francês do roqueiro Johnny Hallyday, enquanto "Non me lo so spiegare" ganhou a voz de seu autor original, o jovem Tiziano Ferro.

Em comentários sobre as versões, os homenageados pelas canções do álbum derreteram-se pela artista. Nino Buonocore afirmou que graças à "voz límpida e inimitável personalidade" de Laura, sua música teria um resultado "absolutamente inédito e especial". Ivano Fossati disse que a sua "La mia banda suona il rock" ganhou uma "versão arrebatadora".

Os fãs brasileiros aguardam ansiosos o retorno da cantora ao país. Em uma breve passagem pelo fórum de discussões em seu site oficial (www.laurapausini.com), Laura Pausini deu indicações de que poderia levar sua nova turnê ao Brasil ainda este ano. Resta aguardar. ☛

O contador de histórias

Apaixonado pela arte lírica e por sua Toscana, Franco Zeffirelli faz do seu trabalho um pólo difusor da cultura italiana

No inverno ameno da região toscana da Itália, tipicamente mediterrâneo, nasce na Florença de 1923 Gianfranco Corsi, aquele que mais tarde viria a ser um dos maiores encenadores de óperas líricas já conhecido. Logo cedo, aos oito anos de idade, se encantou pela famosa obra “Valquírias”, de Wagner, e, a partir daí, jamais perdeu o amor pelos palcos. Anos depois, passou a usar o nome Franco Zeffirelli, o que não mudou, no entanto, sua “vontade de contar histórias”, como dizia. Hoje, aos 84 anos, continua em atividade - sua produção já inclui a direção de mais de 20 obras, entre as quais peças de teatro, cinema e televisão.

Zeffirelli estudou Belas-Artes e Arquitetura em Florença. Ainda jovem, aos 23 anos, conheceu Luchino Visconti, mestre da arte cinematográfica italiana, com quem trabalhou durante anos. Como assistente e diretor de arte de Visconti, participou, em 1948, do filme *La terra trema* - uma das obras-primas do já consagrado diretor -, filme que foi gravado com pescadores sicilianos de maneira praticamente documental. Mais tarde, assinou *Bellissima* (1951) e *Senso* (1954), ambos também de Visconti.

Zeffirelli viveu durante o período de transição entre a estética fascista e o conceito neo-realista. A primeira, fortemente arraigada no pensamento da população entre as décadas de 1920 e 40, recorria a moldes ideológicos que pretendiam ajustar a sociedade a um sistema totalitarista que pregava, sobretudo, a submissão ao Estado. Já o neo-realismo, antecedendo os anos 1950, foi um período

efervescente do cinema da Itália e despontou como uma libertação das amarras do regime anterior. Esse novo movimento, conhecido nas artes como Verismo, pretendia retratar, sobretudo, a verdade dos fatos, apresentando os problemas da crise italiana no pós-guerra. Foi justamente nessa época que Zeffirelli juntou-se ainda mais a Visconti e passou a produzir filmes inovadores, orientados por uma forte crítica social ao período de recuperação vivido, então, pela Itália do pós-guerra.

Aos poucos, adotou um tom mais melodramático. Para ele, entretanto, realismo e ópera não podiam andar juntos. Logo após essa ruptura, encenou *La traviata* (1983), de Giuseppe Verdi, e *Otello* (1986), de Shakespeare, duas óperas que mais tarde ganhariam versões para o cinema, encantando

Franco Zeffirelli dirige a atriz Cher no filme “Chá com Mussolini”



Assista

público e crítica devido à riqueza de detalhes em estilo barroco, presentes tanto no cenário quanto nos figurinos. Zeffirelli trazia, portanto, a ópera de volta para o público.

Bem antes disso, entre as décadas de 1950 e 60, encenou diversos espetáculos no Scala de Milão e no Royal Opera House, em Londres. Nesse período, dirigiu grandes nomes como Maria Callas, Anna Magnani e Laurence Olivier. Com o despontar das transmissões audiovisuais, o que fez da televisão um novo e atraente meio de comunicação de massa, a direção de Zeffirelli chegou aos seriados de TV. Em *Maria Callas at Covent Garden* (1964) e *Gesù di Nazareth* (Jesus de Nazaré, 1977), ambas séries de televisão, adaptou suas técnicas de palco - deslocamentos cronológicos e *flashbacks* - para as câmeras. Mais tarde, passaria pelo mercado hollywoodiano, no qual obteve pouco sucesso, o que o fez retornar para as produções com as quais já trabalhava na Itália.

Foi um grande estudioso dos textos do dramaturgo inglês William Shakespeare, de quem adaptou diversas obras para o cinema. Sua perspicácia na escolha do elenco consagrou filmes que, ainda hoje, servem de inspiração para diversos artistas. Em sua autobiografia, lançada em 1986, Zeffirelli conta que uma discussão ocasional, ocorrida entre os atores Elizabeth Taylor e Richard Burton, e captada por sua percepção de encenador, tornaria-se, mais tarde, a realidade de Katarina e Pettruchio, personagens interpretados por esses dois atores em *La bisbetica domata* (Megera Domada, 1967). Já em *Romeo e Giulietta* (Romeu e Julieta, 1968), o diretor se ateu ao conceito de Shakespeare em relação à juventude e colocou nos papéis centrais dois jovens atores, ainda pouco experientes, mas com a vivacidade inerente e indispensável a seus personagens.

Fascinado pela Itália e saudoso de sua Florença antiga, Zeffirelli sempre buscou levar à sua terra natal o que o teatro moderno tinha de melhor, contribuindo para aumentar a riqueza da cultura italiana e disseminá-la em outras terras. ¶

Romeu e Julieta (*Romeo e Giulietta*)

O filme é uma adaptação da peça homônima do dramaturgo inglês William Shakespeare. Com toques do primeiro enredo escrito por Bondello, em Florença, e consagrado como uma das obras-primas de Franco Zeffirelli, o filme conta a história do jovem casal que se apaixonou e tem de enfrentar a rivalidade entre suas famílias, os Montecchio e os Capuleto, de Verona. Gravado na Itália, em 1968, Zeffirelli recupera a atmosfera tradicional em que se passou o verdadeiro drama. O diretor pretende buscar a essência do texto de Shakespeare. Ao escalar Leonard Whiting e Olivia Hussey para interpretar os papéis centrais, Zeffirelli pretendia representar com precisão a força do amor impossível vivido pelos jovens. Outra característica a ser notada no filme é o fato de o diretor não ter gravado a clássica "cena do balcão", onde o casal apaixonado fala sobre o amor proibido, que, segundo os estudos de Zeffirelli, não teria existido no original. A trilha de Nino Rota incrementa ainda mais o clima produzido pela estética do diretor italiano.

Direção: Franco Zeffirelli/
Ano: 1968/ Duração: 138 minutos



Chá com Mussolini (*Tea with Mussolini*)

Arte e política. Estes são os dois pilares de sustentação da narrativa dessa obra de Zeffirelli. Inspirado em suas experiências pessoais vividas durante a infância e juventude, o diretor ambienta o filme nos anos de 1930. Nessa história, o garoto Luca - órfão por parte de mãe e não reconhecido pelo pai - vive sob os cuidados de senhoras inglesas que querem fazer dele um típico cavalheiro inglês. Com o início da 2ª Grande Guerra, Luca passa a buscar independência e começa a trilhar seu caminho no mundo da arte. A riqueza de detalhes, característica desse diretor, revela as sutilezas do drama vivido pelo grupo de inglesas conhecido como *Scorpioni*, por causa do humor cortante. O filme ainda é uma boa oportunidade de conhecer a história de Florença e ver cenários belíssimos da região, como o Duomo da cidade murada de San Gmignano, a Galeria Uffizi e o Teatro Romano, em Fiesole. A trilha sonora e os figurinos completam o filme, que é praticamente um restauro da região florentina. No elenco, Cher, Judi Dench, Joan Plowright e Maggie Smith.

Direção: Franco Zeffirelli/ Ano: 1999/ Duração: 116 minutos







Do fruto ao vinho

Em passagens da Bíblia, na mitologia grega, na tumba de Tutankamon e até no Código de Hammurabi. As referências ao vinho e à sua relação com o ser humano contam com uma história milenar. Discussões, gostos e preferências pessoais envolvidas no tema são férteis e variadas, e já começam na origem da uva e no tipo de solo. Branco ou tinto, seco ou suave, para cada prato (e até para cada ocasião) é possível encontrar o acompanhamento perfeito. O vinho faz parte do seleto time de alimentos que são venerados pelos italianos, a exemplo do azeite, da massa e do pão. As técnicas de produção evoluíram com o tempo em busca da excelência nos itens aroma, aparência e paladar. Não se deve, porém, esquecer que nessa área a tradição de costumes diz muito. Ela vai desde a colheita do fruto fresco até o armazenamento em tonéis e depois em garrafas, devidamente rotuladas e muitas delas com destino certo - que pode ser um país ou, para os mais privilegiados, uma adega pessoal. A produção pode ocorrer de forma artesanal ou industrial, o que não necessariamente influenciará no resultado. Há vinícolas e vinícolas, espalhadas pelos cantos mais impensados do planeta. Algumas cenas, no entanto, merecem um olhar mais atento, mais sensível. No caso, a colheita: como pingos de chuva que caem de nuvens pesadas, pendem os cachos de uva das parreiras, em queda vertical e vertiginosa. E são recolhidas, quase que amparadas, por mãos humanas, para serem, por ironia, pisoteadas logo em seguida, como ainda ocorre em alguns lugares. Depois das inúmeras e específicas etapas que se seguem, caberá aos especialistas qualificar o resultado obtido. E aos leigos, deleitar-se.

Para falar com a fotógrafa Lia Coldibelli, mande um e-mail para liacold@gmail.com ou ligue: (11)9272-0618. Veja outras fotos no site <http://www.flickr.com/photos/72271225@N00/>

*Agradecimento especial à Vinícola Góes (São Roque, SP)







Cultura do dom

- Eu faço Artes Cênicas.
- Que interessante... e isso aí é para trabalhar com o quê?

Ou:

- Eu faço Artes Cênicas.
- E você pretende viver do quê?

Ou:

- Eu faço Artes Cênicas.
- Que legal... te vejo na Globo então?!

Essas são algumas respostas que recebo quando digo o que faço da vida. Provavelmente você, leitor, me responderia algo semelhante se viesse a me conhecer. Estou no segundo ano do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Unesp. Agora, então, você deve estar pensando: "Mas que menina sem perspectiva! Além de atriz vai ser educadora?". Pois é, eu vou. Um caminho difícil, não impossível, porque eu acredito na arte e na educação.

As respostas mencionadas no início do texto refletem a visão que prevalece no Brasil em relação a arte, mas discorrerei sobre as artes cênicas, afinal de contas é a única área sobre a qual posso falar com certa propriedade.

No nosso país, ser ator não é motivo de muito orgulho, a não ser que você obtenha reconhecimento, ou seja, trabalhe na Globo. Mesmo assim, a linha divisora entre a consagração e o esquecimento total é tênue. Artista aqui é amador, principalmente se for de teatro, afinal teatro é hobby, é lugar de aliviar as tensões. Não se pode, por exemplo, comparar essa bobageira à medicina.

Somos ainda impregnados pela idéia do dom. Para ser ator tem de nascer bom e ponto. Para que técnica? Para que teoria? Afinal, Stanislavisk era só um russo desocupado que ficava teorizando umas besteiradas cênicas de treinamento do ator. Veja lá se ator precisa ter livro para treinamento! Eles vão aprendendo pelos palcos, sets e cidades cenográficas afora, não é verdade?

Claro, não podemos negar que existem pessoas com mais afinidade com os palcos, assim como existe gente com mais afinidade para ensinar, ou para advogar, ou para pilotar aviões, mas nunca vi professores, advogados ou pilotos formados pela "escola da vida". Então, por que com o ator seria diferente?

É verdade que grande parte dos estabelecimentos que contratam atores exigem o DRT, o registro na Delegacia Regional do Trabalho, a "carterinha de ator". O problema é que, assim como a epidemia das "faculdades de esquina", temos a epidemia dos pseudocursos de teatro, que prometem o DRT em 6 meses, ou no máximo um ano. Uma piada.

Popularidade para um ator é de extrema importância. As pessoas precisam apreciar o seu trabalho para que se sintam movidas a assisti-lo novamente, mas, na realidade em que infelizmente me insiro, conquistar popularidade só com teatro é uma árdua empreitada. Lamentável que grande parte dos brasileiros vá tão pouco ao teatro e tenha como ideal de ator os americanos das telonas ou as bonitonas do horário nobre. Nada contra os citados - só acho que os horizontes deveriam ser ampliados. O que acontece é que o buraco é mais embaixo, bem mais embaixo.

Pensemos por alguns instantes: por que será que não somos acostumados a ir ao teatro, concertos ou exposições? Educação é a chave para a resposta.

Temos que parar de enxergar a arte como um grito da alma ou uma terapia. Sim, ela pode desempenhar tais funções, mas não só. Como pode um estudante de Ensino Médio sair do colégio sem saber a importância de um Nelson Rodrigues para o teatro brasileiro?

Já que pouco se sabe, impõem-se ícones. É simples, pergunte a qualquer um quem são os maiores intérpretes do teatro brasileiro. Posso garantir que na maioria dos casos a resposta será: "Paulo Autran e Fernanda Montenegro." Pergunte em seguida: "Mas você já os viu em cena?" Acho que o silêncio irá pairar.

O estudante deve se formar com noções básicas das três áreas para que ele possa ser capaz de freqüentar peças, exposições e concertos. A visão de que aula de arte é para cabular, dormir ou fazer lição de outra matéria tem de ser destruída. Arte é tão importante quanto outras matérias, afinal, em que pretendemos nos transformar? Em máquinas de fazer contas e decorar fórmulas de física ou em seres humanos com sensibilidade e senso crítico? Será que os nossos valores não estão um pouco - ou totalmente - deturpados?



Ponte Vecchio, Florença



Caminhos da Toscana

Torre del Mangia



Piazza Pio II



Viagem pela região revela atrações históricas e mágicas, como as torres que inspiraram o poeta Dante Alighieri na obra Divina Comédia.

Os antigos romanos chamavam aquela região central da península itálica, limitada ao norte pelos contrafortes dos Apeninos, a oeste pelo mar Tirreno e ao sul pelo Lácio, pelo nome de Etrúria, em menção ao povo que habitava tais terras e ocupava também parte da Úmbria e o norte do Lácio - os etruscos, conhecidos também como toscos, termo esse que daria a forma definitiva ao nome da região: Toscana.

Uma região que, às belezas naturais, se acrescentam as lembranças gloriosas de sua história, a grandiosidade de seus monumentos, a luz de sua civilidade, onde cada cidade representa um mundo à parte. Não existe burgo, por minúsculo que seja, que não tenha o seu encanto, a surpresa de uma jóia de arte, e cujo nome não esteja ligado a um memorável fato histórico. As abadias, perdidas no verde dos vales e dos montes, são elas mesmas parte viva da história, já que ostentam obras-primas de grande valor artístico. Castelos ainda intactos, ou em ruínas, dão à paisagem algo de antigo heroísmo. E pequenos burgos, com suas torres, ainda conservam ciosamente o aspecto e a atmosfera medieval.

A língua italiana, na forma em que hoje é falada, nada mais é que a evolução do “vulgar toscano”, dialeto adaptado de maneira especial ao uso literário por Dante Alighieri, Petrarca e Boccaccio, na poesia e na prosa. Temos também de considerar a importância que essa região teve na evolução da sociedade daquela época, já que na Toscana, exatamente em Florença, teve início o movimento chamado Renascença, que se difundiu quando uma plêiade de artistas, literatos, filósofos e cientistas descerraram as portas do progresso a um mundo ainda preso aos princípios e às brumas da Idade Média.

Foi como se uma lufada de fresca e estimulante brisa, soprando da Toscana, acordasse o espírito do homem para um novo dia, para uma nova época. Foi justamente nesse período, com duração de apenas um século, que sobrevieram os movimentos e as mudanças a assentar os alicerces das épocas que se sucederiam.

Longo demais seria um elenco dos protagonistas desse rico período. Nos limitaremos a citar apenas alguns nomes: Michelangelo, Leonardo, Raffaello, Brunelleschi, na pintura e arquitetura; Martim Lutero, na Reforma protestante; Guttemberg, com a imprensa; Maquiavel, cuja obra *O príncipe* abriu

caminho para uma maior compreensão dos problemas inerentes à política; e Kepler, Copérnico e Galileo, que deram um novo sentido à astronomia.

Florença, Pistoia, Lucca e Pisa

Florença, o início de nossa viagem pela Toscana, é um verdadeiro escrínio onde se conservam as lembranças vivas de um período notável italiano: a Renascença.

Foi justamente nessa época que, graças ao gênio de artistas e arquitetos como Brunelleschi, Rossellino e outros, Florença se adornou de obras que fazem dela a cidade italiana com o maior acervo de monumentos gótico-florentinos e renascentistas, como Santa Maria del Fiore, Santa Maria Novella, Santa Croce - sepulcro das glórias italianas -, San Lorenzo - com a sua Sacristia Nuova, o sepulcro de Giuliano e Lorenzo de Médici, com esculturas de Michelangelo, o Palazzo Vecchio della Signoria (localizado na Piazza, de onde pode ser admirada a Loggia dei Lanzi) -, palácios como o dos Strozzi, o dos Pitti, ou o Batistério, com suas três portas de bronze, uma das quais (aquela fundida por Ghiberti), por sua beleza, fez afirmar ao próprio Michelangelo ser ela mesma digna de servir como porta de entrada ao Paraíso.

Mas Florença não é conhecida apenas pela grandiosidade de suas obras de arte, de seus palácios e igrejas. Em seus museus, como o dos Uffizi, o da Accademia e a Galleria Pitti, observa-se um acervo de pinturas e esculturas único no mundo, compreendendo desde os primitivos até os modernos, e cujo conjunto representa a delícia dos olhos dos milhões de turistas que a cada ano invadem a Itália e, em particular, a Toscana, em busca de sol, amor e beleza.

Continuaremos a nossa viagem visitando Pistoia, Lucca e Pisa. São apenas 200 quilômetros de Florença, entre ida e volta, distância essa que, a nós, acostumados com as quilometragens brasileiras, não preocupa. Pistoia, a primeira cidade que encontramos, partindo de Florença, depois de percorrer 36 quilômetros, é bem conhecida pelos brasileiros, já que, no decorrer da última guerra, em sua terra repousaram os pracinhas brasileiros tombados em combate. Hoje o cemitério ainda existe, mas os corpos foram trasladados, e agora dormem em terra brasileira. Do centro urbano irradiam-se três círculos de muralhas, que terminam em apêndices a dar curso às estradas que

conduzem às cidades vizinhas. As suas maiores obras de arte são guardadas nas igrejas, cuja fachada apresenta a severa marca românica, agraciada pelo alternar de mármore claro e escuro, como o Duomo e seu campanário, o Batistério e o Palazzo Pretorio, arquiteturas que dão ao visitante a impressão de o tempo ter estacionado em épocas passadas.

Mais 43 quilômetros e alcançamos Lucca. Entre os anos de 1504 e 1614, a cidade foi cercada por uma muralha de 4.195 metros de extensão, que, com seus onze baluartes, forma hoje um maravilhoso anel verde, dentro do qual a cidade exibe as ostentosas torres de suas igrejas. Os principais e mais importantes monumentos são o Duomo, com a capela do Volto Santo, a igreja de San Giovanni, o palácio do Governo, a igreja de San Michele e o mosteiro de San Frediano.

De Lucca a Pisa são apenas 24 quilômetros. Da Porta Santa Maria, que atravessamos, defrontamos, tal qual milagre, o centro artístico da cidade, e descobrimos assim o prodígio de graça, elegância e harmonia formado pelo conjunto arquitetônico da Catedral, da famosa Torre Pendente, do Batistério e do Cemitério, cuja terra foi trazida da Terra Santa pelos navios pisanos, já que naquela época Pisa era uma República Marinara. Parece que a posição do conjunto dos edifícios foi inspirada na deslocação

dos astros na constelação de Áries, sob cuja influência a cidade tinha sido fundada.

A impressão desse espaço público é tão intensa e perturbadora, seja pelas construções de mármore branco, seja pelo verde do gramado, que compreendemos o porquê do nome dado ao local: Praça dos Milagres.

A Via Cássia

Agora o nosso destino é seguir para o Sul. Poderíamos percorrer a rodovia A1, que liga Roma a Milão. Entretanto, conhecendo o princípio de que as auto-estradas são admiráveis do ponto de vista da engenharia, mas um deserto para o turismo, optamos pela Via Cássia, uma antiga estrada romana, construída no fim do II século a.C., que até os anos 1950 era usada para unir Roma a Florença.

Por sua importância, na Idade Média foi chamada de “estrada dos imperadores e dos papas”, e era também a preferida pelos romeiros que da Europa Central se dirigiam para a capital do Cristianismo: Roma.

Hoje, a Cássia, que segue o traçado dado pelos construtores romanos, é uma verdadeira vereda da história desses últimos 20 séculos. Em suas margens, podemos reviver, estimulados pela fantasia e pelos restos do passado, a atmosfera de tempos remotos.



As muralhas de *Monteriggioni*, com suas 14 torres, inspiraram Dante Alighieri em uma passagem da obra *Divina comédia*.



À esquerda, no alto, o *Palazzo della Signoria*. Abaixo dele, a *Piazza del Campo*. Na foto maior, uma das três “portas do Paraíso”, como afirmou o próprio Michelangelo. À direita, a mais que conhecida Torre de Pisa.

Partimos, não sem antes ter dado, porém, uma última olhada ao panorama de Florença que se descortina do Piazzale Michelangelo, onde ressalta a cúpula do Brunelleschi, da catedral de Santa Maria del Fiore. Dizem que, quando Michelangelo se dirigia para Roma, convocado pelo papa Júlio II para levantar a cúpula de São Pedro, olhando-a disse: “Eu vou a fazer a tua irmã, maior sim, mas não mais bonita”.

Mais alguns quilômetros e estamos percorrendo novamente a Cássia. Depois de uma curva, nessa estrada mergulhada num tempo distante, aparecem as testemunhas de um passado recente: o cemitério de guerra americano, onde mais de 4 mil soldados, mortos na última guerra, dormem o sono eterno em terra toscana, sob pequenas cruzeiras brancas, todas iguais, enfileiradas como para uma revista, com um grande obelisco no centro.

Mas a Cássia continua reservando outras emoções. Em verdade já não é a Cássia, mas Via degli Scopeti, sua variante. Depois de apenas 3 quilômetros, encontramos o “Albergaccio”, uma típica casa rústica toscana, local do exílio de Nicolau Maquiavel, depois da volta ao poder dos Médici. No Albergaccio, cujas dependências ainda conservam os móveis da época, é que nasceu o

famoso tratado *De principibus*, mais conhecido como *O príncipe*, escrito em poucas semanas e dedicado a Lourenço II de Médici, neto do Magnífico.

Mas a história não é apenas feita de episódios memoráveis, senão também de ocorrências menores, que merecem ser lembradas. Exemplo é a casa que encontramos logo em seguida, sempre na Cássia, chamada “A parada do papa”. Em 1814, o papa Pio VII, que estava voltando para Roma, depois de ter passado cinco anos prisioneiro de Napoleão, naquele ponto foi obrigado a parar, já que também os papas são homens. Os pios moradores da casa, querendo eternizar o acontecimento, colocaram na parede externa da casa uma lápide, em que, no italiano “apurado” da época, avisavam que o papa, “por necessidades corporais obrigado”, tinha parado no local.

Siena agora não está longe. A paisagem gradualmente muda, aos ciprestes sucedem agora carvalhos e azinheiros. Muda também a cor do solo, assumindo aquele tom amarelado, que os pintores chamam “terra de Siena”.

Passamos por Poggibonsi, um burgo pequeno, mas que ainda desperta a atenção dos turistas. É desse lugarejo que, num vértice da Via Cássia, nascia a Via



Francigena, uma estrada que, na Idade Média, trazia romeiros do Canal da Mancha. A estrada não existe mais, porém, no ponto em que as duas estradas se uniam surgiu “La Magione”, um antigo albergue para os romeiros, com dormitório, enfermaria e capela, e ainda hoje administrado pela Ordem dos Cavaleiros de Malta.

Deixada Poggibonsi, o panorama torna-se novamente severo, dominado por relíquias medievais: primeiro, a Rocca de Staggia, com suas torres cilíndricas; e em seguida, a cerca intacta e fabulosa das muralhas de Monteriggioni.

Monteriggioni, comuna construída em 1203 como posto avançado nas guerras contra Florença, é um local onde o tempo parece haver parado. Dante Alighieri o via com suas 14 torres intercaladas no perímetro das muralhas, e dessa visão criou a imagem, no “Inferno” da sua *Divina comédia*, do Poço dos Gigantes, com as torres transformadas em Titãs como guardas do poço.

Eis que de longe nos aparece Siena, cercada pelo traço de suas muralhas avermelhadas, dentro das quais se levantam, em direção ao céu, a Torre del Mangia, na Piazza del Campo (uma das mais bonitas praças medievais e onde anualmente é disputada a corrida do “Palio”), e o “Duomo”, um

delicado bordado de mármore branco, com sua torre dos sinos. Enquanto Florença é uma cidade renascentista, Siena, pelo contrário, manteve intacta a sua estrutura medieval. Com seus edifícios em alvenaria, suas igrejas, seus museus, suas ruelas (onde se tem a impressão de que o tempo estacionou), aliados à proverbial gentileza de seus moradores, é uma das cidades mais procuradas pelos turistas.

Mais alguns quilômetros e entramos em Buonconvento, circundada por suas intactas muralhas do século XIV. É o local onde morreu, em 1313, o imperador Arrigo VII, de Luxemburgo, de maleita, como dizem os cronistas da época, enquanto seus seguidores afirmavam que foi envenenado por uma hóstia da comunhão.

Agora, de Buonconvento faremos uma breve derivação que nos levará a Monte Oliveto Maggiore, a mais famosa abadia beneditina da Toscana, fundada no século XIV por Bernardo Tolomei. É uma vasta construção em tijolos, no meio do verde de um vale, mergulhada em sugestiva solidão, enriquecida no século sucessivo pelos grandiosos afrescos de Signorelli e de Sodoma.

Voltando à Cássia, a menos de 10 quilômetros podemos entrever a cidade-jóia, que o desejo de um papa, Pio II, fez surgir (pelas mãos do arquiteto Rossellino) do vilarejo de Corsignano, cujo nome foi então mudado. Pienza, o seu nome atual, é um lugar delicioso e encantado. Suas ruas são dedicadas ao Beijo, à Fortuna, ao Amor. Não à toa foi escolhida como *set* da última edição cinematográfica de *Romeu e Julieta*.

Chegamos, agora, ao fim da Cássia toscana. No ponto onde terminava o antigo Estado de Toscana, surge um edifício do século XVI, com dois brasões, um dos Médici e outro do papa. O local tem o nome de “Vecchie Poste”, ou seja, onde eram trocados os cavalos das carruagens, e se marcava o limite entre os estados de Toscana e Lácio. Em frente há uma fontana em pedra, e uma escritura avisa que a instalação foi construída por Ferdinando I de Médici, grão-duque de Toscana, *viatorum commoditati*, por comodidade do viajante.

Mas a Cássia continua, agora porém em terras do Lácio, com novas surpresas, mostrando testemunhas que nos ligam a um passado do qual somos orgulhosamente herdeiros. Mas isso ficará para uma próxima ocasião, quando juntos chegaremos ao nosso destino: Roma. ☛



Silvia Percussi Fotos: Tadeu Brunelli

Rústico, popular e saboroso: cardápio toscano

Celebrada e amada como nenhuma outra região, a Toscana é destino obrigatório de qualquer turista que viaja para a Itália. Situada no centro da península, sintetiza e exalta algumas características fundamentais do país, como mar e montanha, natureza e arte, cidade e campo, paixão e razão.

Devido à sua localização, para quem vive em Milão, em Torino e no Trento, ela é considerada o início do Sul da Itália. Já para quem está em Nápoles e Bari, é apontada como o princípio do Norte. Na realidade, é tão supremamente orgulhosa que conseguiu afirmar-se sobre si mesma - sua cozinha não se assemelha em nada à das regiões com as quais faz divisa (Ligúria, Emília-Romanha, Marche, Úmbria e Lácio), se bem que tal divisa não significa um completo isolamento destas.

Claro, a cozinha da Toscana tem uma personalidade e um caráter inconfundível: é rústica, popular, muito ligada aos produtos da sua terra e do seu mar, simples e essencial. Não ama a superficialidade, as elaborações e a estratificação, mas exige a qualidade dos ingredientes, a perfeição do cozimento, o equilíbrio dos sabores e dos aromas. Mediocridade e aparência sem conteúdo são os ladrões do instinto: o rigor e a medida, entretanto, são de casa.

De Florença a Siena, de Pisa a Livorno, de Lucca a Arezzo, de Grosseto a Viareggio, cada centro tem a sua província e as suas especialidades. Na maioria das vezes, rivais entre si, as cidades principais exprimem, naquilo que interessa à boa mesa, uma unidade de fundo, uma decidida homogeneidade.

Poucos ingredientes sabiamente usados, para desfrutar o melhor contraste e o substancial respeito do sabor natural de cada um deles: aí está o segredo da harmonia e das medidas toscanas, que não significam nunca falta de personalidade, mas exatamente o oposto - individualizam ao máximo cada prato.

É curioso que foi justamente da Toscana que partiram os progenitores da cozinha ocidental mais rica e mais complexa: a francesa. Foram os cozinheiros que seguiam Caterina de Médici, casada em 1533 com o futuro rei Enrico II, os responsáveis por dar à corte da França o gosto dos pratos elaborados e apresentados com suntuosa magnificência.

As receitas faustosas, cheias de especiarias, não obtiveram êxito nos banquetes dos nobres quando Siena e Florença eram os centros europeus de cultura e poder. As receitas renascentistas, que ornavam as mesas dos Médici, e as do século XVII, que engrandeciam as mesas da família Lorena, não tiveram muita sorte: a tradição, inclusive nas famílias mais aristocráticas, é tenazmente ligada aos produtos e aos usos do condado, à rústica simplicidade que se torna refinamento quando é perseguida com a sabedoria da aproximação e da segurança da qualidade. Bom exemplo está em um prato simples e antigo como o *castagnaccio*, ainda hoje um dos pratos preferidos dos toscanos, servido tanto nos restaurantes mais refinados quanto nas “tratorias” do campo.

Continua na página 53 →

Panzanella

Ingredientes	Para o molho
1 pão italiano amanhecido	Vinagre balsâmico a gosto
2 tomates grandes e maduros	Azeite a gosto
1 cebola roxa pequena	Sal a gosto
1 maço de manjeriço	
2 dentes de alho socados	Rendimento
Água quanto baste	10 pessoas

Preparo

Corte o pão em cubinhos e pulverize com um pouco de água. Deixe descansando durante 30 minutos. Esprema para retirar o excesso de água, se houver. Misture com os tomates cortados em gomos bem fininhos e com a cebola cortada da mesma maneira. Junte as folhas de manjeriço já lavadas. Tempere com azeite, vinagre balsâmico, sal e o alho. Unte uma forma de bolo com azeite e preencha a forma com a mistura. Desenforme no momento de ir à mesa.

Storia della panzanella

Muitos atribuem a origem da panzanella ao hábito dos camponeses de umedecer o pão velho e seco (em uma época em que o pão era comprado somente uma vez por semana) e misturá-lo a verduras. Outros sustentam que a panzanella nasceu a bordo dos barcos pesqueiros: os marinheiros levavam consigo o pão duro e alguns tomates, e todos os ingredientes eram molhados com água do mar. Além disso, havia uma receita similar chamada de "pan lavato" por Bocaccio. Algumas versões ensinam que o nome vem das palavras "pane" (pão) e "zanella" (prato fundo, sopeira). Outros dizem que se trata de uma inversão da antiga palavra "zampanella". E uma terceira opinião garante que a panzanella deriva de "panzana", que significa papai. Independentemente das contradições, a receita sempre agradou a todos. Já em 1500, um pintor florentino chamado "Il Bronzino" deixou algumas rimas em homenagem ao prato: *Chi vuol trapassar sopra le stelle / en' tinga il pane e mangia a tirapelle / un' insalata di cipolla trita / colla porcellanetta e citriuoli / vince ogni altro piacer di questa vita / considerate un pó s'aggiungessi basilico / e ruchetta*. O pintor não cita os tomates, pois ainda não eram usados na alimentação. Cita, porém, a erva "porcellanetta", que não é mais usada hoje em dia (conhecida também como portucala ou sportellacchia), e a "ruchetta", que é a nossa conhecida rúcula.



Pappardelle sul coniglio

Ingredientes

400 g de "pappardelle" fresca
½ coelho pequeno com o fígado
1 colher de sopa de extrato de tomate
400 g de tomates pelados e sem sementes
1 cebola pequena
1 cenoura pequena
1 talo de salsa
1 dente de alho
2 colheres de sopa de alecrim fresco
1 copo de vinho branco seco
½ xícara de azeitonas pretas portuguesas
Parmesão ralado, azeite, sal e pimenta

Rendimento

4 porções

Preparo

Em uma caçarola, aqueça cinco colheres de sopa de azeite e refogue os temperos bem picados. Assim que a cebola estiver macia, adicione o coelho cortado em pedaços e umedeça com o vinho. Verifique o sal, deixe o vinho evaporar e depois coloque o extrato de tomate, os tomates e as azeitonas. Deixe cozinhar em fogo médio durante uma hora.

Quando a carne estiver bem macia e soltando do osso, retire os pedaços da panela e desfie. Pique o fígado. Recolete tudo na panela e finalize o cozimento por mais 15 minutos.

Cozinhe a massa em abundante água temperada com sal grosso e escorra. Leve à travessa para servir e regue com molho, pulverizando com parmesão. Se achar necessário, durante o cozimento regue o coelho com caldo de frango para não ressecar.

Pappardelle

Na Toscana, mesmo que as sopas (zuppe) sejam mais numerosas do que massas (pastaciutte), as segundas contam com uma gloriosa tradição nas províncias mais meridionais, como Arezzo e Grosseto. O pappardelle, preferivelmente artesanal, largo e dourado, é acompanhado com carne de coelho, javali ou lebre. A primeira é a mais comum.



Os pratos toscanos são simples, o que não significa facilidade na preparação, principalmente quando faltam o olho e a experiência, e quando a matéria-prima não é como deveria ser. Valha por todos os exemplos a célebre *bisteca alla fiorentina*, diferente de todas as outras “bistecas” da Itália pelas dimensões excessivas, pela qualidade da carne bovina (que deve ser da raça *chianina*) e pelo método de cozimento: fogo de brasas de “castanho”, sal, pimenta, pouco azeite e muita precisão no tempo de colocar e tirar. Uma obra-prima, certamente, bem cozida por fora e quase crua e muito macia por dentro.

Também por isto é fascinante passear pela Toscana: para visitar produtoras, adegas, mercados e restaurantes e buscar onde provar, adquirir e se abastecer. Apesar de carregarem as marcas de uma cozinha regionalista, muitos produtos, como o pão toscano, são encontrados em outras regiões. Assim também é o magnífico azeite toscano, que pode ser comprado nos grandes supermercados e lojas especializadas, além do feijão (tão especial) e do *panforte* doce, ambos com larga distribuição na península. Mais difícil de se encontrar é a couve negra e a *nepitella* (um tipo de erva), que aromatizam os *funghi*. Mas, no todo, pode-se dizer que, com um pouco de boa vontade, a cozinha toscana deixa-se reproduzir com suficiente disponibilidade.

Prepare e sirva-a com a vontade de reencontrar na memória o perfil da cúpula de Brunelleschi, em Florença, as escarpas de Volterra, o mar da ilha de Giglio, o formato de concha da Piazza del Campo, em Siena, ou então somente a silhueta de uma antiga casa toscana no alto de uma colina, entre o despontar dos ciprestes que fazem o papel de guardiões... Procurar o fascínio e os perfumes dessa terra nas suas receitas e nos seus esplêndidos vinhos será uma maneira de reviver momentos, emoções e atmosferas de uma região invejada no mundo todo. ☞



Zuccotto con frutti di bosco

Ingredientes

400g de biscoito inglês
400g de mascarpone
400g de frutas de bosque
1 copo de licor de cassis
3 gemas de ovo
3 claras batidas em neve
2 colheres de sopa de açúcar

Preparo

Bata as gemas com o açúcar, acrescente o mascarpone e a metade das frutas de bosque já batidas. Misture bem. Acrescente as claras batidas em neve, misturando delicadamente. Molhe os biscoitos no licor de cassis diluído em água. Em uma forma, monte as camadas, com os biscoitos, o creme e assim por diante. Finalize com a outra metade das frutas e leve para gelar no mínimo 3 horas antes de servir.

Rendimento

6 a 8 porções



Silvana Leporace

A pressa contra o aprendizado

Muitas famílias preocupam-se em proporcionar inúmeras situações que estimulem seus filhos a desenvolverem diferentes habilidades. Acreditam que as crianças precisam estar sempre entretidas em alguma atividade dirigida para não “perder tempo”: natação, judô, futebol, balé, inglês, teclado... O tempo da criança está sempre preenchido, a agenda lotada. Infelizmente, esses pais pecam pelo excesso e, como a intenção é a melhor possível, não percebem que a irritação, a ansiedade, a agitação que seus filhos possam apresentar é proveniente, muitas vezes, dessa falta de tempo para poderem brincar, criar e viver suas fantasias, o que os levará a elaborar suas questões pessoais em relação ao mundo em que vivem e a pensar os seus conflitos.

Nunca se observaram tantos casos de crianças estressadas como hoje, apresentando sintomas físicos e/ou psicológicos que caracterizam o quadro. A criança precisa ter uma rotina preestabelecida para que o cumprimento dos seus deveres não se torne um momento de tensão. Só que isso não tem acontecido, e para muitas delas verificamos que falta tempo para realizarem suas tarefas escolares e dedicarem-se aos estudos como deveriam. Nota-se uma inversão de valores, pois

as atividades escolares que deveriam ser a prioridade estão sendo realizadas no tempo que “sobra”. Além de terem sua formação pedagógica intensamente prejudicada, nossas crianças não estão criando o compromisso, a responsabilidade e a autonomia para cumprirem suas obrigações desde cedo. Não adianta, agora quando já são adolescentes, cobrar um trabalho que deveria ter sido feito na infância.

“ Nunca se observaram tantos casos de crianças estressadas como hoje, apresentando sintomas físicos e/ou psicológicos que caracterizam o quadro. ”

Sabemos que o aluno de qualquer faixa etária necessita de local tranquilo, silencioso e organizado para estudar. Quantas vezes observamos nossas crianças e adolescentes fazendo suas tarefas nas mesas da lanchonete do clube, com toda a agitação peculiar ao local? É impossível que uma tarefa realizada dessa forma venha a contribuir de maneira produtiva para sua aprendizagem.

Precisamos repensar essa ansiedade de querer que nossos filhos façam tudo o que aparece e participem de todos os

modismos que surgem, pois o que observamos é que tudo está sendo feito de qualquer maneira, superficialmente, sem objetivo. É o fazer por fazer. Será que vale a pena?



Fachada do Colégio Dante Alighieri entre os anos de 1960 e 1970, quando o chão das ruas de São Paulo ainda era feito de paralelepípedos. Na foto menor, a fachada atual.



*O que você vê por trás
destes números?*



Nós vemos o futuro.



Educação Infantil do Colégio Dante Alighieri
O início de muitas conquistas
www.colegiodante.com.br / (11) 3179-4400